

# NÓS DA ESCOLA

RIO

**PREFEITURA** EDUCAÇÃO



## Inclusão social pela mídia

Multieducação:  
leitura e escrita

ISSN 1676-5141



9 771676 514269



00031



Jogos  
Pan-americanos  
Uma conquista  
da **PREFEITURA**.  
Uma vitória  
do **RIO**.

CESAR MAIA  
PREFEITO

SONIA MOGRABI  
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REGINA DE ASSIS  
PRESIDENTE DA MULTIRIO

MARCOS OZÓRIO  
DIRETOR DE MÍDIA E EDUCAÇÃO

MARIA INÊS DELORME  
DIRETORA DO NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E  
IMPRESSOS E JORNALISTA RESPONSÁVEL (MTB. 22.628)

ÉLIDA VAZ  
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO E OUVIDORA

**EQUIPE DE PRODUÇÃO:**

*GERÊNCIA PEDAGÓGICA*  
CRISTINA CAMPOS  
JOANNA MIRANDA (COORDENAÇÃO)

*GERÊNCIA DE JORNALISMO*  
MARTHA NEIVA MOREIRA (EDITORA)  
HUGO RANGEL DE CASTRO E SOUZA (SUBEDITOR)  
PRISCILA FAGUNDES (ESTAGIÁRIA)

*FOTOGRAFIA*  
ALBERTO JACOB FILHO

*GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS*  
ANTÔNIO CASTRO (GERÊNCIA E DIREÇÃO DE ARTE)  
GUAIRA MIRANDA (PROJETO GRÁFICO/DIREÇÃO DE ARTE)

*IMPRESSÃO*  
CIDADE AMÉRICA ARTES GRÁFICAS  
TIRAGEM 36.500 EXEMPLARES



DESENHOS DAS ALUNAS  
SARA OLIVEIRA PEREIRA MORAIS,  
BEATRIS MOIS AGRA SOUSA,  
DIANA DE LIMA MAFRA,  
ROSYANE MAYSE DE OLIVEIRA RIBEIRO E  
TAMIRIS REGINA RIBEIRO SOUZA DE SOUZA  
DA ESCOLA MUNICIPAL DOM BOSCO



EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210  
www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br  
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

A arte de educar pelo olhar

10 zoom

O mundo 'maravilhoso' da mídia

12 carioca

Originalidade premiada no Rio

14 século XX 1

Troca de experiência na prática

16 parceria

Investimento na prevenção

19 pan 2007

Rio dá exemplo de inclusão

20 rede fala

A importância da teoria na prática

21 professor on line

Uma questão de gênero

22 olho mágico

Para o outro lado do mundo

24 caleidoscópio

Atualização da Multieducação: leitura e escrita

26 atualidade

Centro produtor de vacinas

28 capa

Em busca da mídia de todos, para todos

34 artigo

A mídia e as armadilhas da simplificação

36 presente do futuro

Prevenção e luta contra estigmas

38 pé na estrada

Resgate cultural da Gamboa

O bom exemplo da leitura

Brincadeira também é coisa séria

44 foi assim

Testemunha ocular da história

46 perfil

Renovador do ensino no país

48 tudoteca

49 agenda

50 MULTIRIO na TV

## editorial

### Mídia e inclusão social

Esta NÓS DA ESCOLA, que presta uma homenagem ao professor, levanta uma questão para refletirmos: a relação entre mídia e inclusão social.

Num contexto em que diferentes tipos de mídia ostentam linhas editoriais pautadas por interesses muito próprios de seus dirigentes ou de seus patrocinadores, funcionando de maneira geral a partir de uma lógica de consumo, qual deve ser o papel da escola e dos educadores frente a essa realidade?

Precisamos analisar com espírito crítico as informações trazidas pela mídia, e poder ser crítico nessa ação significa ter liberdade de expressar o que se pensa. Escutar diversas vozes promove os valores democráticos presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais. A escola deve ser um espaço para socializar conhecimentos e para refletir sobre o mundo em que vivemos.

Numa homenagem aos professores, promotores da cidadania, esta edição traça o perfil de Lourenço Filho, um dos pioneiros da Escola Nova e que dá nome a uma de nossas escolas.

Professores: parabéns por todos os dias!



**Sônia Mograbi**

Secretária municipal  
de Educação

**Kit  
Nós da Escola  
Série Especial**

Programas que  
complementam o  
Caderno do Professor,  
com temas voltados às diversas áreas do  
conhecimento e questões pedagógicas.

**EM CARTAZ NA SUA ESCOLA**

## Ensinar, viver, aprender...

Falando em ensinar,  
Me fez relembra  
Quão difícil é aprender.  
Aprender requer:  
Estar em harmonia,  
Buscar conexões,  
Entender para quê e  
Sentir-se envolvido.  
Estas condições neste mundo  
pós-moderno  
São desafios a conquistar.  
Para uns, estímulos instigantes.  
Para outros, obstáculos intransponíveis.  
E nós, educadores, o que fazer?!  
Somos os instigadores do aprender,  
Os provocadores da curiosidade,  
Os pescadores de talentos,  
Os eternos sonhadores...  
Mas somos seres falíveis!

Sofremos com nossa impotência  
Perante problemas além-escola.  
Curtimos o sucesso dos nossos  
pupilos.  
Vencemos cada dia com muita  
ousadia.  
Enfrentamos situações únicas:  
Entramos onde a lei não é aceita,  
Acessamos benéfica ou  
maleficamente infinitos corações!!!  
Somos gente! Temos filhos, netos...  
Estamos no mundo!!!  
Mas nos sentimos, muitas vezes,  
cobrados excessivamente.  
Não nos deixam tirar nossa capa de  
super-heróis,  
De desbravadores de todos os males,  
De solucionadores de problemas  
ainda insolúveis...

Nossa recompensa?  
O retorno das nossas ações,  
Através do reconhecimento diário  
De alunos e responsáveis que nos  
param  
Com comentários e citações que já  
deletamos,  
Mas que fazem parte de muitas  
histórias de vida.  
Histórias que construímos juntos  
Ensinando, mas, sobretudo,  
aprendendo  
Com gente – fonte maior de vida!  
E vamos assim, investindo na  
aprendizagem, nos conhecimentos,  
nos envolvimento...  
Desatando muitos nós  
E certamente criando muitos e muitos  
laços!!!

Glória Knop, professora da Escola Municipal Tenente Coronel Eduardo Villaça

### Destaque

A MULTIRIO foi uma das três ganhadoras do Personalidade Educacional 2005, promoção realizada pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), pela Associação Brasileira de Educação (ABE) e pelo jornal *Folha Dirigida*. Além da MULTIRIO, foram eleitas a Fundação Cesgranrio e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). O colégio eleitoral reuniu 4 mil profissionais das áreas de educação e cultura do Estado do Rio. Regina de Assis, presidente da MULTIRIO, já foi eleita Personalidade Educacional em duas edições anteriores desse concurso: em 2004 e em 2001.



**NÓS DA ESCOLA  
na TV**

**Na Band, toda quarta,  
às 14h, e sábado, às 9h**

Representação  
Net Rio - quinta, às 9h, e domingo, às 9h30  
Net Educação - sexta, às 13h

Confira a versão eletrônica e  
a programação da MULTIRIO em [www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)

#### ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para [multirio\\_dpúb@rio.rj.gov.br](mailto:multirio_dpúb@rio.rj.gov.br)

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: [www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)

# A arte de educar pelo olhar

Na sua opinião, qual é o papel dos museus na sociedade contemporânea?

Eu acho que os museus têm uma função civilizatória, no sentido da cultura mais ampla. Todo museu é um equipamento educacional, mas é preciso que a sociedade se aproprie dele. Eu não gosto da idéia de “consumir” museu. Até porque um olhar não educado é um olhar incompleto. Nós vivemos num mundo de excesso de imagens, num mundo das grandes corporações de comunicação, em que a televisão tem um papel de massificação muito grande. Talvez estejamos próximos de uma civilização da cegueira. As pessoas vêem tanta televisão, tanta fotografia em jornal, na internet, que se tornam cegas, porque são incapazes de absorver e consumir criticamente. Acabam submersas num mundo em que evidentemente existe uma espécie de manipulação do olhar. Neste contexto, a experiência de visita aos museus deve ser sempre de individualização, que propicie a formação do olhar crítico de cada um.

Mas isso exige um trabalho de conscientização muito grande...

Sim, e é por isso que eu digo que o grande desafio de uma ação educativa eficiente nos museus é a individualização das visitas. Cada tipo de público, cada visitante deve ter a sua possibilidade de contato pessoal com o acervo dos museus. É preciso que os monitores e guias sejam capazes de facilitar esta particularização. E, no campo da educação, o papel dos professores é importantíssimo. Os museus devem desenvolver programas de capacitação que ajudem os professores a atuarem de fato como mediadores entre a arte e os alunos. Eu só acredito num processo de formação do público se ele for qualitativo.

O senhor diria, então, que a função educativa deve ser prioridade para os museus?

O museu é uma instituição que tem algumas responsabilidades e deveres. O primeiro é coletar bens culturais e formar um acervo consistente. O segundo é catalogar, preservar e

documentar as obras. Depois vem a função da pesquisa, do estudo sobre as obras coletadas. E em seguida entra-se para o campo público, que abrange as exposições, os catálogos, a produção de reflexão, a educação. Para mim, a educação, portanto, é parte integrante daquilo que constitui o museu. Para muitas crianças, entrar num museu é descobrir um mundo novo, ultrapassar uma barreira de classes, transpor uma barreira social real. É preciso favorecer a intimidade delas com estes espaços, mostrar um caminho. Evidentemente, uma única visita não é produtiva. Ela tem de estar aliada, por um lado, a um processo de capacitação dos professores, e, por outro, a um programa amplo de educação ligada à arte. Os números têm de estar próximos da totalidade. Não adianta trazer 5% da população estudantil. É preciso um programa consistente, que garanta a cada criança a visita a pelo menos um museu por ano. Isso pode ser uma experiência fascinante, um espaço em que muito do que é visto em sala de aula ganha concretude nos objetos e no imaginário.

O senhor diz que as experiências pontuais não surtem efeito. Qual a sua opinião sobre as exposições badaladas, que levam milhares de pessoas aos museus?

Posso colocar essas grandes exposições nas minhas estatísticas e desequilibrá-las completamente, dizendo que numa única ação foram recebidas 10, 20, 30 mil pessoas. Não bastam as estatísticas. É preciso entender o que está por trás delas. O fato de a curva de visitação não ser estável já indica que não há um projeto efetivo. Não sou contra essas exposições badaladas. Não existem dúvidas de que elas têm uma função importante e ajudam a levar o público aos museus. Mas não podem ser a essência da instituição. Há momentos em que algo mais popular faz bem ao museu, mas seu cotidiano vai muito além disso. É o tipo da situação em que não dá para se escolher o ovo ou a galinha. Uma coisa não vem antes da outra. É preciso que o ovo e a galinha estejam juntos, chocando alguma coisa produtiva para a sociedade. ►

Filho, neto e bisneto de professores, Paulo Herkenhoff, diretor do Museu Nacional de Belas-Artes (MNBA), diz que cresceu sem ver outra profissão à sua volta. Ele próprio começou a dar aulas aos 14 anos de idade. Não por acaso, a relação entre arte e educação está entre as pautas prioritárias do Museu desde o início de sua gestão, há dois anos e meio. Para Paulo, não basta levar as crianças aos museus. Muito menos contentar-se com os números grandiosos das exposições de célebres artistas internacionais, que, incensadas pela mídia, criam filas quilométricas a cada um ou dois anos. Ao contrário, a verdadeira fruição dos museus só acontece na medida em que a sociedade se apropria deles em seu dia-a-dia. E, sobretudo, quando há um trabalho voltado à formação do olhar crítico. “Eu preferiria receber 40 mil estudantes em um ano a 50 mil pessoas numa única exposição. O primeiro caso é fruto de um processo continuado, enquanto o segundo não passa de fogo de artifício”, compara Paulo, que defende a personalização das visitas aos museus, a capacitação dos professores e o intercâmbio com escolas, universidades e centros de pesquisa.

ALBERTO JACOB FILHO



Mas como conquistar, a curto e médio prazos, o público adulto? Afinal, fora a escola, é ele quem leva as crianças ao museu, aspecto essencial para a constituição de um hábito para o futuro...

Não dá para pensar nada neste sentido sem considerar a educação. É claro que as exposições têm de ter um perfil, hoje em dia, mais espetacular. Infelizmente, o museu não é mais visto como um lugar de estudo. Existe uma certa barbárie da visão do que é museu no Brasil. Se fizermos uma pequena exposição das gravuras do Callot<sup>1</sup>, possivelmente não vai sair uma linha na imprensa carioca. Mas se a mesma exposição estiver em Paris ou Nova York vai ser notícia. Não vai dar primeira página, mas vai render uma notícia analítica, porque existe uma civilização visual.

## De volta às aulas

Arte também é sinônimo de aula no Museu Nacional de Belas-Artes. Só que, lá, os professores invertem os papéis e voltam ao tempo em que eram alunos. No primeiro sábado de cada mês, o museu promove um curso de capacitação para professores do ensino fundamental. O objetivo é prepará-los para aproveitar ao máximo possível as visitas escolares, selecionando os assuntos e as abordagens mais interessantes para cada grupo de alunos. “Ninguém sabe melhor que o professor o que a turma deve priorizar no museu. É importante que ele já venha com uma idéia do que interessa. Do contrário, fica naquela ansiedade de querer mostrar tudo”, justifica Normanda Lira, da Divisão de Educação do MNBA.

Os encontros, realizados das 14h às 18h, incluem palestras, contato detalhado com o acervo e estudo de material de apoio. A partir deles, os professores passam a funcionar como guias para seus próprios grupos de alunos. Desta forma, sentem-se mais valorizados e mais envolvidos com a experiência da visita. “Antes, o professor chegava aqui e passava o bastão para os guias do museu. Com a capacitação, ele é valorizado, porque o aluno passa a vê-lo como alguém que detém conhecimento também fora da escola”, avalia Normanda. Os interessados no curso, que é gratuito, podem fazer suas inscrições pelo telefone 2240-0068, ramal 23. O museu oferece ainda cursos de história da arte a preços populares (R\$40 mensais). Ministrados por professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), os cursos são ideais para quem pretende se aprofundar no assunto.

<sup>1</sup> Jacques Callot (1590-1635): desenhista e gravador francês, deixou imagens grotescas ou violentas da sociedade de seu tempo.

Então o senhor diria que a mídia tem uma parcela de culpa neste distanciamento da sociedade em relação aos museus...

Acho que estamos sendo domesticados pelos meios de comunicação de massa, sobretudo pela TV aberta. Os cadernos ditos culturais não têm espaço para a arte. A intermediação dos jornais seria muito importante, mas a mídia é relapsa com relação à arte contemporânea. O show bizz ocupa um espaço assustador na imprensa carioca. Poucas cidades no Brasil estão, neste momento, num processo mais alienante que o Rio de Janeiro. Não entendo por que o jornal tem de ser o apoio de um sistema de televisão. Hoje, uma atriz que leve um cachorro ao cabeleireiro recebe mais espaço que uma exposição do Fernando Lemos, o mais importante fotógrafo português de meados do século XIX, um homem de uma criatividade extraordinária. Há 50 anos, quando esta exposição veio ao Brasil, ela teve um impacto incrível. Mas, hoje, qualquer atriz que arrume um namorado novo ou leve seu cachorrinho a uma *pet shop* recebe mais espaço que a arte. Se pegarmos Portugal, que tem uma população semelhante à do Rio de Janeiro, uma semana de imprensa lá tem mais notícias e informações sobre arte que um semestre inteiro no Rio de Janeiro.

E o público carioca, como o senhor acha que se comporta com relação à arte?

O modo de ver a arte no Rio de Janeiro é absolutamente singular. O Rio não isola a arte como signo. O carioca vê a arte impregnada no cotidiano, gosta da relação entre arte e vida. É por isso que temos tantos artistas aqui trabalhando com meninos de rua, com viciados em droga, é por isso que uma Beatriz Milhazes<sup>2</sup> faz nexos com o carnaval, ou que uma Adriana Varejão<sup>3</sup> reflete a situação histórica da mulher. Ao mesmo tempo, no entanto, este público carece de um processo de educação pelo qual possa alargar sua visão crítica do mundo. Isso significa investir uma criança da capacidade de olhar o mundo e perceber para além dos *outdoors*. É claro que algumas noções sobre o

signo visual são importantes, porque a criança tem de entender o que são as cores, as linhas, o espaço etc. Mas o mais importante é ter uma agenda, uma pauta de discussão. Eu reivindico um fórum de discussão maior para a relação entre arte, educação pública e museus.

### Que experiências bem-sucedidas lhe servem de exemplo na relação entre museus e educação?

A Fundação lochpe, de São Paulo, através do Instituto Arte na Escola, é possivelmente hoje a instituição com maior âmbito de ação nesta área. Eles já atuam em 17 estados brasileiros e articulam as universidades com a rede pública de ensino, produzindo material de suporte teórico e metodológico, simpósios, desenvolvendo metodologias e repassando às instituições da comunidade. Na Bienal de São Paulo, em 1999, quando fui curador, desenvolvemos um processo de mobilização e capacitação de 1 mil professores da rede pública. Além disso, foi produzido um material educativo sobre arte, independentemente da visita à Bienal, para utilização em 15 mil salas de aula. Eles fizeram também o projeto Arte BR, que forneceu material para trabalhar com 1 milhão de crianças em todo o Brasil. Acho que é uma experiência única no mundo. Por isso mesmo, estamos nos articulando com a Fundação lochpe e também com o Instituto Mobiliza, aqui do Rio, para desenvolver ações práticas na relação entre arte e educação. Também citaria a Fundação Cisneros, de Caracas, na Venezuela, que tem um trabalho muito sério na articulação entre arte e educação voltado à população de baixa renda. Eles capacitam professores em favelas utilizando o método do pensamento visual, que é o método do Museu de Arte Moderna de Nova York.

<sup>2</sup> Beatriz Milhazes: pintora, gravadora e ilustradora carioca, faz referências ao barroco, às obras de Tarsila do Amaral e de Burlle Marx e a padrões ornamentais.

<sup>3</sup> Adriana Varejão: artista plástica carioca, iniciou a carreira nos anos 80 e reproduz elementos históricos e culturais, além de investigar a utilização do corpo humano e a visceralidade.

### Como o MNBA tem atuado efetivamente para intensificar a relação com os alunos e o público?

Temos feito um esforço no sentido de trabalhar com a educação em vários planos. Atualmente, realizamos um curso gratuito de capacitação de professores e temos cursos de história da arte a preços populares, ministrados por professores universitários. Mas estamos articulando alguns outros projetos. Um deles diz respeito exatamente à possibilidade de particularização das visitas, com a formação de monitores orientados para o atendimento a determinados segmentos de público, como os turistas, as crianças, as famílias, os estudantes, os portadores de necessidades especiais ou um público mais especializado, por exemplo. Outro, é a realização de um simpósio sobre museus e educação pública. E também a articulação com as universidades e centros de pesquisa para a realização de cursos, seminários e para o desenvolvimento da própria metodologia que o museu vai usar em seus projetos educativos. Temos um projeto, formulado pela Magali Cabral [museóloga e arte-educadora], em conjunto com a Fundação lochpe, que já está na Lei Rouanet para captarmos recursos e iniciarmos esta atuação mais intensa com relação à educação. Um dos aspectos contemplados é a produção de material de orientação para os professores. E uma questão para ser discutida no futuro é a criação de uma biblioteca de referência. No Rio de Janeiro, não há uma única biblioteca especializada em arte-educação. A formação dos arte-educadores por aqui se dá ainda com muitas dificuldades.

### O senhor diria que a educação é a preocupação número um de sua gestão?

Eu adoraria poder dizer isso, mas, infelizmente, o Museu Nacional de Belas-Artes sofre hoje um confronto com sua verdade física. É um museu extremamente maquiado, até porque foi alugado para festas, mas está à beira de um colapso físico. Então, temos trabalhado uma série de obras para a recuperação da estrutura. O Ministério da Cultura tem apoiado nisso, algumas empresas também. É um trabalho que precisamos realizar, até para poder ampliar o espectro de nossa ação e, num crescendo, construir nossa experiência com a educação. ■

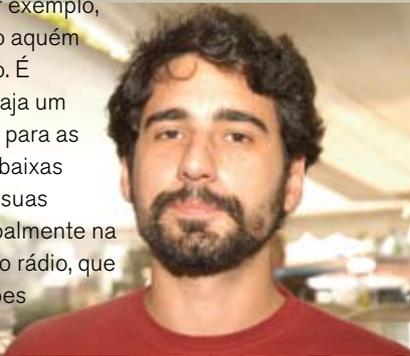
# O mundo "maravilhoso" da mídia

Nos discursos produzidos pela mídia, a favela sempre aparece como universo externo à cidade, uma espécie de "mundo dos bárbaros". A construção e a internalização dessa lógica impedem que as diferenças sejam compreendidas e que o diálogo entre diferentes frutifique.

O resultado é a hierarquização das relações sociais e o enfraquecimento da comunicação. É preciso dar voz aos excluídos e buscar, com os meios de comunicação, canais para que as diferenças se encontrem, se entendam e se complementem.

## Pedro Rato – arquiteto

– Eu não acho que a mídia contribua para a exclusão social. De forma geral, ela contribui para a inclusão, permitindo maior disseminação de informação e conhecimento. Ela poderia ser melhor, mas ajuda mais do que atrapalha. Na hora de retratar os excluídos, por exemplo, ela está muito aquém do necessário. É preciso que haja um espaço maior para as classes mais baixas expressarem suas idéias. Principalmente na TV aberta e no rádio, que são concessões públicas.



Este é o pensamento de Jailson de Souza e Silva, doutor em educação pela PUC-Rio e professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), convidado para o programa *Encontros com a mídia*, de dezembro. O caminho trilhado por Jailson é bem diferente da trajetória vivida pela maioria dos intelectuais. Ele foi criado nos subúrbios cariocas e morou seis anos no Complexo da Maré. Sua tese de doutorado, defendida em 2000 e transformada em livro, trata da experiência de 11 estudantes daquela comunidade que, ao contrário de todas as expectativas, conseguiram obter diploma universitário. A partir do debate suscitado pelo educador, NÓS DA ESCOLA pergunta: A mídia contribui para a exclusão social?

## Kátia Faissol – psicóloga

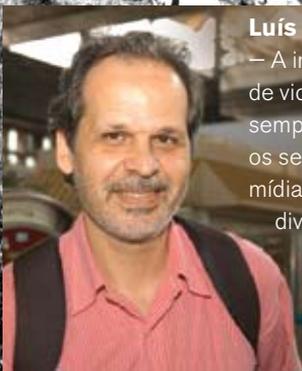
– Não contribui para a exclusão. Neste momento ela até favorece a inclusão social, quando a televisão mostra uma novela com pessoas com deficiência visual. É claro que ainda existe preconceito, mas a mídia está valorizando a cultura dos excluídos. Há um movimento de compreensão desse outro mundo. A hierarquização nunca vai deixar de existir. Isso faz parte da condição humana. A mídia poderia se tornar mais inclusiva, possibilitando encontros com jovens, valorizando o respeito às diferenças. Não só em relação ao excluído, mas também aos jovens, que estão carentes de uma compreensão de si próprios.



## Bruno Asty – vendedor

– A mídia não contribui para a exclusão social. Pelo contrário, ela facilita o contato das pessoas menos favorecidas com o que está acontecendo no mundo. Elas são retratadas da maneira como são no dia-a-dia. Acho que a mídia não esconde nada do que elas realmente representam. São até, às vezes, exaltadas pela forma como conseguem conquistar algumas coisas durante a vida.





### **Luís Felipe Villas-Boas – acupunturista**

– A imprensa retrata prioritariamente os valores e a visão de quem tem plenas condições de vida, de quem possui bens materiais. Os excluídos são retratados de forma caricata, sempre como se fossem ameaçadores. Há uma ênfase na violência: as favelas nos cercam, os sem-terra vão invadir nossas propriedades, os sem-teto vão tomar nossas casas. A mídia poderia se tornar mais inclusiva, retratando a nossa sociedade de forma mais ampla, divulgando aspectos que nos permitam encontrar as identidades da nossa cultura e das nossas tradições. Não falo só do Rio de Janeiro, mas do Brasil inteiro. Poderiam ser valorizadas experiências positivas, cooperativas, associativas. Mas isso não vende. A grande questão é esta: nós somos movidos por coisas que vendem, direcionadas a quem pode comprar.

### **Vera Regina Souto Diniz – professora da E. M. Joaquim Abílio Borges**

– A mídia reforça a exclusão. Os anúncios utilizam modelos brancas e louras. É um padrão europeu, completamente diferente do que temos no Brasil, um país multirracial. As novelas mostram sempre um núcleo rico, que raramente dá o mau exemplo, e um núcleo pobre, que é onde todos os problemas acontecem. As classes mais favorecidas, por terem mais acesso a determinadas coisas, podem acabar fazendo um mal muito maior para o país do que as classes mais pobres. Mas fica o estereótipo. A mídia mostra o bandido de classe média como se fosse uma coisa absolutamente atípica, quando, na verdade, crimes e formação moral não estão ligados a questões financeiras e culturais. É preciso mostrar, realmente, que existem pessoas boas e ruins, independentemente da classe social.



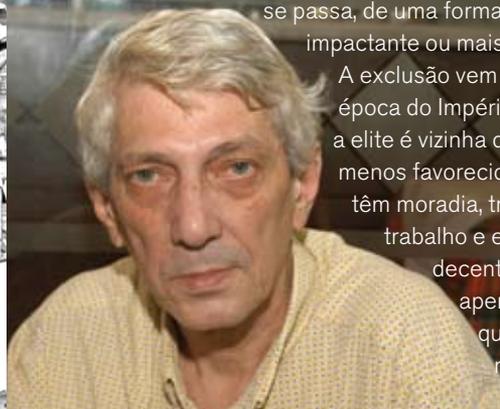
### **Júlia Lima – publicitária**

– A mídia mostra um mundo ao qual nem todos têm acesso e, às vezes, acaba camuflando a realidade. Ela não trata os excluídos de forma fiel, principalmente nos programas de TV e nas telenovelas. No noticiário, eles só aparecem quando acontece uma confusão. Na publicidade, é como se eles não existissem, como se fosse tudo maravilhoso, perfeito. A mídia poderia mostrar mais a realidade como ela é e atuar com projetos também nas escolas.



### **José Olímpio – aposentado**

– A mídia não discrimina. Ela divulga o que se passa, de uma forma direta, impactante ou mais discreta. A exclusão vem desde a época do Império, porque a elite é vizinha das classes menos favorecidas, que não têm moradia, transporte, trabalho e educação decentes. A mídia apenas retrata o que acontece na sociedade.



# Originalidade premiada no Rio

Projeto Lonas Culturais completa 13 anos valorizando a cultura e a identidade da cidade

De longe os espaços podem até ser confundidos com tendas de circo. Basta chegar perto, no entanto, para perceber que as atrações são bem mais variadas. Os picadeiros abrigam de oficinas de teatro e arte a aulas de capoeira, passando por dança de salão, violão, teclado, pintura e apresentações de dança, música, teatro e cinema. A variedade é bem-vinda, não importa o estilo. O verdadeiro espetáculo das lonas culturais do Rio de Janeiro é a democrati-

zação do acesso à arte em regiões carentes de equipamentos urbanos culturais no município.

Incentivar a produção artística local e garantir acesso aos bens culturais são dois dos objetivos do projeto Lonas Culturais, da Prefeitura do Rio. Criado e implementado pela Secretaria Municipal das Culturas, já instalou equipamentos culturais urbanos nas zonas Norte e Oeste do município, áreas até então carentes de iniciativas nesse sentido, e só no ano passado atingiu um público de cerca de 490 mil pessoas.

Em 2005 o projeto completa 13 anos de atividade, com oito lonas em funcionamento, que já integram o circuito cultural do Rio de Janeiro e contribuem para o desenvolvimento da cidade e a mobilidade social de seu povo. Graças a elas, milhares de cariocas têm a oportunidade de participar da circulação dos produtos culturais e de sua produção, descobrindo e desenvolvendo seu potencial de expressão. A iniciativa já garantiu a chancela da Unesco e recebeu o prêmio Mercocidades.

**Identidade** – Respeitar a diversidade das manifestações artísticas e dar visibilidade à produção local são aspectos fundamentais ao andamento do projeto. Artistas das comunidades têm a oportunidade de mostrar seus trabalhos, além de ver ampliadas as possibilidades de diálogo com a produção de profissionais reconhecidos no cenário cultural brasileiro. A disponibilidade de ingressos gratuitos ou de baixo custo, por sua vez, contribui para a formação de platéias, transformando manifestações culturais e artísticas em opção de lazer para as comunidades locais.

O projeto se destaca ainda por utilizar mão-de-obra local na administração das lonas, uma iniciativa que gera empregos diretos e indiretos e promove o acesso das comunidades carentes ao mercado cultural da cidade. Alguns dos resultados mais evidentes são a formação de um público interessado em cultura, a revitalização

## Para você se localizar

### Lona Cultural Gilberto Gil

Av. Marechal Fontenelle, 5.000 – Realengo  
Telefone: 3462-0774

### Lona Cultural Carlos Zéfiro

Estrada Marechal Alencastro, s/nº, Praça Inácio Gomes – Anchieta  
Telefone: 3355-4318

### Lona Cultural João Bosco

Av. São Felix, nº 601, Parque Orlando Bernardes – Vista Alegre  
Telefone: 2482-4316

### Lona Cultural Hermeto Pascoal

Praça Primeiro de Maio, s/nº – Bangu  
Telefone: 3332-4909

### Lona Cultural Terra

Praça Edson Guimarães, s/nº – Guadalupe  
Telefone: 3018-4203

### Lona Cultural Elza Osborne

Estrada Rio A, nº 220 – Campo Grande  
Telefone: 3406-8434

### Lona Cultural Sandra de Sá

Praça do Lote, nº 219 – Santa Cruz  
Telefone: 2394-0175

### Lona Cultural Herbert Vianna

Rua Evanildo Alves, s/nº – Maré  
Telefone: 3105-3579 / 3105-7139

Cerca de 490 mil pessoas frequentaram no ano passado as lonas das zonas Norte e Oeste



de diversos espaços públicos e a valorização do sentimento de cidadania pelos habitantes das áreas carentes. Fortalecem-se o bairro e o comércio local, enquanto a cultura se torna um efetivo instrumento de transformação social.

**Estrutura** – As lonas culturais destacam-se pela simplicidade e pela originalidade. O projeto foi criado pelo secretário das Culturas do município, Ricardo Macieira, que é arquiteto. A inspiração veio da estrutura das tendas em lona implantadas no Parque do Flamengo durante a Eco-92, uma conferência de cúpula que reuniu delegados do mundo inteiro para debater a questão ambiental. O estilo plástico das tendas deu forma às lonas, que passaram a levar arte e cultura à população carioca. “Ao lançar o projeto das lonas culturais, em 1992, tinha certeza de que elas se tornariam os equipamentos urbanos de cultura mais importantes de nossa cidade. Agora, passados 13 anos, minha certeza se tornou uma bela realidade. Com as lonas, a Prefeitura do Rio promove ampla inclusão e mobilidade social através da cultura.”, ressalta o secretário.

A estrutura, comum a todas as lonas culturais, disponibiliza equipamentos de iluminação e de sonorização, bilheteria, camarins, palco, platéia e bar, em uma área de 450m<sup>2</sup>. Os espaços são



cobertos por lona plástica e têm capacidade para abrigar cerca de 400 pessoas. A primeira lona foi inaugurada no dia 18 de maio de 1993, com o nome de Lona Cultural Elza Osborne. Hoje, o projeto conta ainda com as lonas Hermeto Pascoal, Gilberto Gil, João Bosco, Carlos Zéfiro, Terra, Sandra de Sá e Herbert Vianna.

Para participar das atividades promovidas pelas lonas, basta comparecer a uma delas e fazer inscrição. A lista das atividades completas de cada um dos espaços pode ser encontrada no *site* da Prefeitura do Rio ([www.rio.rj.gov.br/teatrosdorio](http://www.rio.rj.gov.br/teatrosdorio)). ■

# Troca de experiência na prática

Mostra da MULTIRIO chega à terceira edição ampliando a participação do público

A mostra Trocando Idéias com o Século XX1 chega à terceira edição e se consolida como um dos destaques do calendário de eventos dirigidos aos professores da Rede Municipal. A experiência acumulada nos primeiros anos mostrou a necessidade de ajustes no formato da mostra, tornando-a ainda mais interessante para o educador e ampliando a participação daqueles que produzem mídia na escola. Com isso, busca-se dar maior projeção aos projetos e, principalmente, aos resultados obtidos no decorrer do processo pedagógico.

As mudanças começaram já na fase de inscrições, com a abertura à apresentação de trabalhos desenvolvidos nas turmas de educação infantil. É na programação, no entanto, que se concentra a maior parte das alterações. A primeira delas diz respeito à ampliação da participação do público. A ele caberá escolher, entre os 15 projetos pré-selecionados

pela comissão organizadora, os que mais se destacam em termos pedagógicos. Além de valorizar o envolvimento do professor em todas as etapas do evento, a iniciativa tem por objetivo incentivar a troca de experiências entre os autores dos projetos e os demais educadores.

Os 15 trabalhos pré-selecionados serão apresentados em salas de conversa. O professor responsável pelo desenvolvimento do projeto terá cerca de 30 minutos para mostrar como a proposta foi implementada na sala de aula e/ou escola. Na ocasião, os participantes das salas de conversa poderão fazer comentários, esclarecer dúvidas e compreender as especificidades de cada trabalho.

A comissão organizadora da III Mostra Trocando Idéias com o Século XX1 inovou ainda ao incluir na programação oficinas de mídia abertas a

## III Mostra Trocando Idéias c



educadores e ao público. Alunos, responsáveis e pessoas das comunidades onde se localizam as escolas terão a oportunidade de conhecer aspectos técnicos e teóricos necessários à produção de *sites* e jornais eletrônicos, por exemplo.

A relação de oficinas oferecidas estão disponíveis na página do programa Século XX1 ([www.multirio.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21)).

Mas as atrações da mostra não ficarão limitadas às oficinas e à apresentação de trabalhos. Haverá ainda duas exposições: de *softwares* educativos e de pôsteres de projetos inscritos. “As exposições ampliam o alcance da mostra, oferecendo ao educador um volume maior de informações. No caso dos *softwares*, o professor terá acesso a vários programas educativos e poderá identificar possibilidades de utilização do material na sala de aula ou nos laboratórios de informática. Já a exposição de pôsteres busca dar destaque a projetos que, mesmo fora da lista dos 15 pré-selecionados, apresentem aspectos inovadores”, explica a gerente do programa Século XX1, Wânia Clemente.

Outra novidade diz respeito à realização do evento, que não acontecerá mais em dois dias seguidos. Neste ano, a mostra será realizada nos dias 10 e 18 de novembro, no Colégio São Bento (Rua Dom Gerardo, 68, Praça Mauá). No primeiro dia, haverá atividades pela manhã e à tarde. No segundo, optou-se por iniciar a programação às 13 horas e estendê-la até a noite. A mudança tem o objetivo de permitir a participação de alunos e professores do Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja).

Para as palestras, foi elaborada uma lista de convidados, incluindo educadores que discutem o uso da mídia e escritores. Os primeiros contatos já foram realizados, faltando apenas acertar detalhes relativos à disponibilidade de agenda dos convidados. A confirmação dos nomes dos palestrantes deverá ocorrer em breve e também será comunicada através de *newsletter* e pelo *site* do programa Século XX1.

A III Mostra Trocando Idéias com o Século XX1 é promovida pela Secretaria de Educação (Divisão de Mídia-Educação) e pela MULTIRIO (programa Século XX1). ■

# om o Século XX1



# Investimento na prevenção

Sistema da Geo-Rio alerta para o risco de deslizamentos e alagamentos provocados pela chuva

TEXTO

RICARDO D'ORSI

(GEÓLOGO, MSC, GERENTE DO  
SISTEMA ALERTA RIO)

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Vai chover na Zona Sul nas próximas horas? Estava chovendo forte em Madureira no dia 15 de fevereiro de 2001, às 23h15? Qual foi a chuva mais forte registrada em Santa Cruz de janeiro de 1997 até hoje? Embora pareçam verdadeiros enigmas, perguntas como essas têm respostas ao alcance de qualquer pessoa. Basta alguns cliques na página da Secretaria

Municipal de Obras na internet ([www.rio.rj.gov.br/obras](http://www.rio.rj.gov.br/obras)), nos *links* Alerta Rio e Biblioteca. O Sistema Alerta Rio oferece um volume imenso de informações, armazenadas em bancos de dados e disponibilizadas para consulta direta ou por *download* de arquivos – somente de registros pluviométricos a cada 15 minutos são mais de 10 milhões.

Mas dados curiosos, que viabilizam pesquisas diversas e estudos de correlações com as chuvas, são apenas um subproduto do trabalho criado, desenvolvido e operado pela Fundação Geo-Rio. O principal objetivo deste serviço de utilidade pública é informar com antecedência à população da cidade e aos órgãos municipais sobre a possibilidade de deslizamentos em encostas – os chamados acidentes geotécnicos – e alagamentos de logradouros devido a chuvas intensas.

Da criação, em 1995, até o início da operação, em 1997, o Sistema Alerta Rio passou por uma série de adaptações em sua estrutura básica, fruto de pesquisas e debates envolvendo geólogos, engenheiros, urbanistas e meteorologistas. Inicialmente, os alertas seriam emitidos especificamente em caso de

Ricardo D'Orsi mostra os equipamentos na Geo-Rio



deslizamentos nas encostas. Por isso, foram instalados pluviômetros automáticos nas bases dos maciços montanhosos do município, locais onde os acidentes geotécnicos ocorrem com mais frequência.

Um segundo critério utilizado na escolha dos locais para a instalação dos pluviômetros foi a distribuição demográfica. Em 1996, como ocorre ainda hoje, a população das zonas Sul, Norte e Centro era muito maior que a da Zona Oeste. As áreas mais populosas receberam maior número

de pluviômetros. A divisão nessas quatro regiões representa também as quatro macrobacias de drenagem existentes no município. Cada macrobacia tende a apresentar comportamentos hidrometeorológicos e geotécnicos (vulnerabilidade a escorregamentos de solo e rocha) próprios. Frequentemente, enquanto chuvas intensas atingem uma macrobacia, em outra, vizinha, nenhum pingo é registrado no mesmo período. Além disso, chuvas com a mesma intensidade podem provocar escorregamentos em uma macrobacia e não os provocar em outra. ►

## Solução caseira

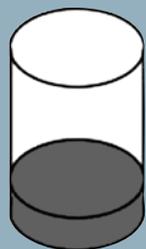
A chuva, chamada tecnicamente de precipitação pluviométrica, é medida em milímetros. A determinação de sua intensidade depende basicamente do tempo de precipitação. Assim, uma precipitação de 12,5mm em 15 minutos equivale a uma chuva muito forte, enquanto a mesma quantidade de água em uma hora caracteriza uma chuva moderada e, em 24 horas, uma chuva leve.

Embora a medição dos índices pluviométricos seja realizada pelos técnicos, com a utilização de modernos equipamentos, é possível fazer uma experiência caseira, ou escolar, com materiais que podem ser facilmente encontrados:

- um recipiente cilíndrico de paredes retas (por exemplo, uma garrafa *pet* de refrigerante, com o gargalo cortado);
- uma régua escolar graduada em milímetros;
- um relógio;
- um bloco de anotações;
- um lápis.

O recipiente cilíndrico deve ser colocado em local aberto, como um quintal ou terraço, longe de árvores, paredes ou de qualquer objeto que possa obstruir ou desviar os pingos da chuva. No bloco, anotam-se a hora exata do início da chuva e a altura da água dentro do recipiente a cada hora transcorrida. Ao término da chuva, a hora exata deve ser novamente anotada. Conforme mostrado no quadro Intensidade, a média mm/h determina a classificação da chuva em leve, moderada, forte e muito forte. Veja o exemplo (simulação):

### Intensidade



<b>chuva leve</b>	1,1 a 5,0 mm/h
<b>chuva moderada</b>	5,1 a 25 mm/h
<b>chuva forte</b>	25,1 a 50 mm/h
<b>chuva muito forte</b>	> 50 mm/h

Classificação das chuvas de acordo com a variação das intensidades e "pluviômetro" caseiro.

### Evento pluviométrico

**Local:** Largo dos Leões, 15 - Humaitá

**Dia:** 21/6/2003

13h 15 (início).....	0mm
14h 15.....	15mm
15h 15.....	5mm
16h 15.....	52mm
17h 15.....	10mm
18h (fim).....	2mm

#### **Análise do evento**

**Duração da chuva:** 4h45min

**Total da precipitação** (chuva acumulada): 84mm

**Maior intensidade registrada:** 52mm/h (chuva muito forte)



**Ponto crítico** – A evolução natural do Sistema de Alerta de Deslizamentos levou ao desenvolvimento de um Sistema de Alerta de Chuvas Intensas. A grande diferença é que, no primeiro, monitora-se a chuva que já caiu. O boletim é emitido quando os índices pluviométricos chegam próximo ao ponto crítico, ou seja, à quantidade de chuva que desencadeia deslizamentos de solo ou rocha. Esse monitoramento só é possível porque cada um dos 32 pluviômetros que integram a rede de estações do sistema envia seus registros automaticamente, a cada 15 minutos, à sala de comando do Alerta Rio, que fica na sede da Geo-Rio, no bairro de São Cristóvão.

O objetivo do Sistema de Alerta de Chuvas Intensas é a previsão de chuvas fortes para as próximas horas. Esta segunda fase do sistema entrou em operação no final de 1999, quando uma equipe de meteorologistas foi contratada para trabalhar em regime de plantão, 24 horas por dia, sete dias por semana. Pelo acompanhamento de imagens de satélite, de radar meteorológico e de parâmetros climáticos como pressão, temperatura e umidade, a equipe prevê a ocorrência de chuvas fortes no município.

Quando a probabilidade de chuva moderada a forte é alta, a Defesa Civil e outros órgãos públicos municipais são avisados, via rádio ou telefone, agilizando a mobilização de suas equipes de emergência. Esta situação é conhecida no Sistema Alerta Rio como estágio de atenção. Quando a probabilidade de chuvas fortes nas próximas horas ultrapassa 95%, os operadores do sistema enviam por fax, para as principais emissoras de rádio e TV da cidade, o Boletim

de Alerta de Chuvas Intensas, para pronta divulgação. Esta situação caracteriza o estágio de alerta. Nas situações de ausência de chuva ou de previsão de chuva leve nas próximas horas, o sistema permanece no estágio de vigilância e, nos casos de previsão de chuvas intensas por muitas horas seguidas, entra no estágio de alerta máximo.

Com o passar dos anos, estudos realizados pela equipe do Alerta Rio sobre a correlação entre chuva e deslizamentos contribuíram para aumentar significativamente a precisão na definição dos índices pluviométricos críticos. Hoje se sabe, por exemplo, que, quando os pluviômetros registram de 30mm a 50mm por hora, escorregamentos esparsos podem começar a ocorrer. Quando a precipitação passa dos 50mm por hora em vários pluviômetros, aumenta a probabilidade de escorregamentos generalizados, com larga distribuição na cidade, especialmente nas vias que cortam os maciços montanhosos.

As chuvas são um importante fenômeno natural, com grande influência sobre a vida das cidades. No Rio de Janeiro, entretanto, elas alcançam relevância superlativa. Sua ausência ou abundância podem causar sérios transtornos, riscos e prejuízos à população, ao meio físico e aos bens públicos e privados. Incêndios nas florestas, racionamentos de água, deslizamentos em encostas, caos no trânsito, acúmulo de lixo nas ruas, poluição das praias e doenças associadas a insetos e roedores são apenas alguns dos problemas diretamente associados às chuvas.

É por isso que o preciso e constante monitoramento das chuvas e sua acurada previsão são ferramentas fundamentais às gestões das cidades e, sobretudo, de uma cidade como o Rio de Janeiro. Acessar um interessante e curioso banco de dados sobre aspectos relacionados às chuvas é apenas uma das formas pelas quais os cariocas podem tomar contato com o trabalho realizado pelo Sistema Alerta Rio. Por mais que eles não percebam, no entanto, o sistema está sempre a postos. Principalmente se a aproximação de alguma tempestade ameaçar mudar a paisagem da cidade. ■

#### SAIBA MAIS

Faça o *download* do arquivo com a animação educativa sobre o Sistema Alerta Rio no site [www.rio.rj.gov.br/obras](http://www.rio.rj.gov.br/obras), na sequência de *links* Educacional + Risco nas Encostas.

# Rio dá exemplo de inclusão

Festa do esporte em 2007 terá competições entre deficientes

Antes mesmo de seu início, os Jogos Pan-americanos de 2007 já estão fazendo história. O Rio de Janeiro será a primeira sede a abrigar também os Jogos Parapan-americanos, com competições para deficientes. As duas edições anteriores do Parapan, realizadas na Cidade do México, em 1999, e em Mar del Plata, na Argentina, em 2003, aconteceram dissociadas dos Jogos Pan-americanos. A novidade representa mais qualidade na organização e conforto nas instalações – os atletas utilizarão a Vila Pan-americana e os mesmos estádios do Pan –, e valorização dos esportes paraolímpicos. Para a cidade do Rio de Janeiro, os benefícios serão ainda maiores, como destaca o secretário especial Rio 2007, Ruy Cezar Miranda: “A construção das instalações prevê o acesso dos atletas paraolímpicos. O investimento nos equipamentos esportivos e nas instalações deixará um grande legado para a cidade”.

Os projetos incluem rampas, banheiros adaptados e elevadores para cadeirantes (usuários de cadeiras de rodas). Mas a idéia da inclusão vai bem além disso. O número de portadores de deficiência será maior no público e entre os trabalhadores do evento. “A cidade vai ter de se preparar para receber o portador de deficiência”, ressalta Valdênio Borges, coordenador de projetos para portadores de deficiência da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer.

A prática de esportes entre portadores de deficiência é prioridade da Prefeitura desde 2001. Hoje, oito vilas olímpicas têm projetos especiais – Santa Cruz, Vila Kennedy, Padre Miguel, Maré, Acari, Complexo do Alemão e Gamboa –, além da Cidade da Criança, em Santa Cruz, e do Centro Esportivo Miécimo da Silva, em Campo Grande. Para a Prefeitura, o interesse em sediar o Parapan era natural. “A

decisão parte de negociação entre o comitê organizador dos jogos e o Comitê Paraolímpico das Américas, com base na infra-estrutura local”, explica Andrew Parsons, secretário-geral do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB).

**Na disputa** – Levando-se em conta o número de modalidades contempladas, a cidade está bem preparada. Serão 12, contra nove no Parapan da Argentina e quatro no Parapan do México: atletismo, basquete em cadeira de rodas, bocha, futebol de 5, futebol de 7, *goalball*, halterofilismo, judô, natação, tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas e vôlei sentado<sup>1</sup>.

O Parapan deve reunir cerca de 1.500 atletas, entre 12 e 18 de agosto de 2007. Como os critérios de classificação ainda não foram definidos, não se sabe quantos atletas brasileiros participarão, mas Andrew prevê pelo menos o dobro dos 98 que foram para as Olimpíadas de Atenas, em 2004. ■

## Características das modalidades\*

- **Atletismo** – Atletas com deficiência física e visual. Há especificidades de acordo com a deficiência.
- **Basquete em cadeira de rodas** – Atletas com deficiência físico-motora.
- **Bocha** – Há provas individuais e em equipes, com paralisados cerebrais e tetraplégicos.
- **Futebol de 5** – Disputado por cegos, em quadra de futsal adaptada, com bola com guizo.
- **Futebol de 7** – Disputado por paralisados cerebrais.
- **Goalball** – Para atletas cegos e com baixa visão. Cada time tem três jogadores, ao mesmo tempo arremessadores e goleiros.
- **Halterofilismo** – Portadores de deficiência física competem deitados.
- **Judô** – Cegos e pessoas de baixa visão, sob as mesmas regras da modalidade convencional.
- **Natação** – Estilos livre, peito, costas e borboleta, para atletas com deficiência física e visual.
- **Tênis de mesa** – Paralisados cerebrais, amputados e cadeirantes.
- **Tênis em cadeira de rodas** – A única diferença é o quique da bola, que pode ser duplo.
- **Vôlei** – Atletas com deficiência física, que jogam sentados. A rede é inferior ao esporte convencional e a quadra, menor.

\*Informações do site [www.rio2007.org.br/pan2007](http://www.rio2007.org.br/pan2007).

<sup>1</sup> Além das 12 modalidades presentes no Parapan de 2007, há atualmente mais oito esportes paraolímpicos: hipismo, tiro, esgrima, tiro com arco, remo, ciclismo, iatismo e *rugby* em cadeira de rodas.

# A importância da teoria na prática

A ansiedade de alguns profissionais de educação pelas práticas como solução para os constantes conflitos no seu fazer diário fica clara nos encontros promovidos pela classe. O pouco tempo de que dispõem para estudo e pesquisa faz com que priorizem a troca de experiências bem-sucedidas em detrimento das teorias, as quais julgam insuficientes. Entretanto, a angústia daí decorrente, além de não lhes satisfazer as necessidades, os distancia das colaborações teóricas, que podem contribuir consideravelmente para o seu trabalho. Basta acreditar no próprio potencial e na vontade de fazer a diferença.

Certamente, tal inquietação caracteriza o compromisso da classe com a busca de qualidade na educação. A urgência em encontrar caminhos que aprimorem as ações pedagógicas é notória em todos os setores educacionais. Há dificuldade, porém, em reconhecer a importância de um fazer alicerçado em conhecimentos científicos, pesquisas e caminhos já trilhados.

A utilização de contribuições de outras ciências em prol da construção e do favorecimento da aprendizagem ainda é modesta diante da necessidade do educador e do educando. A descoberta, além de mágica, porquanto reveladora de aspectos até então obscuros, é também a forma mais eficaz para o entendimento do processo dialético (ensino-aprendizagem), que se constrói através de rupturas, conflitos e adaptações.

A sensação da compreensão, do entendimento e da razão é muito significativa e prazerosa, mas é preciso também estar disposto a senti-la, a duvidar das próprias certezas. Conhecendo pressupostos e concepções teóricas, descobrem-se os caminhos percorridos pela educação através dos séculos. É necessário trilharmos esses caminhos já iniciados para que possamos, a partir dos próprios passos, continuar a traçá-los. Comparo a importância da teoria na educação à construção de um prédio. Os alicerces seriam as bases teóricas

que sustentarão, darão a solidez e a segurança necessárias para avançarmos na construção. Cada andar seria edificado de acordo com os conhecimentos adquiridos em todas as relações de ensino-aprendizagem, não exclusivas da sala de aula, e que acontecem hoje em diferentes contextos. Nessas relações encontraremos, descobriremos e reinventaremos instrumentos que facilitarão a construção de um novo andar.

Das janelas, teríamos visões diferenciadas. O “novo olhar” surgiria à medida que subíssemos os andares, ou seja, ampliássemos nossos conhecimentos. Nesta perspectiva, automaticamente, se ampliaria o campo de visão proporcionado pela janela.

Os elevadores teriam papel fundamental. Seriam o nosso poder de discernimento, a sabedoria para fazermos a melhor escolha. Eles nos levariam àquele andar com a janela ideal, que ofereceria subsídios necessários à tomada de decisões, a interferências e abordagens propícias ao momento, ou seja, o próprio fazer pedagógico.

E a cobertura, espaço mais valorizado, lugar privilegiado, não existiria. O verdadeiro valor estaria, simplesmente, na obra. O sentimento da realização aconteceria em cada momento dessa construção. No orgulho de ser construtor e construído. Educar no sentido de edificar. Educador no sentido de empreendedor!

Apesar de compreensível a preocupação com as práticas pedagógicas, precisamos estudar para compreendermos que o verdadeiro prazer estará em descobrir as ferramentas que utilizaremos na construção do próprio edifício. Assim, na estrada da vida educacional, teremos vários prédios, com cores, formas e tamanhos diferentes. A riqueza desse patrimônio estará na diversidade e individualidade de cada um. Vamos, não seja apenas um visitante. Construa o seu e convide-nos para uma visita.

Mãos à obra e boa sorte! ■



**Dilma Vianna Guimar**  
professora do ensino fundamental  
da E.M. Júlio Verne.

# Uma questão de gênero

Projeto da prefeitura do Rio de Janeiro articula ações dirigidas à mulher carioca

Proteção a vítimas de violência doméstica, atendimento social e psicológico, inserção feminina nos projetos de geração de renda. Desde abril de 2001, temas como estes caminham lado a lado com a conscientização da sociedade carioca sobre a importância e a atualidade das questões de gênero. Com o Rio Mulher, a Prefeitura integrou, em âmbito municipal, todas as políticas públicas voltadas à eliminação da violência e da discriminação contra a mulher, visando à promoção da cidadania plena das cariocas, com atendimento social, psicológico e jurídico.

Fátima da Silva Teixeira, uma das cinco assistentes sociais do Rio Mulher, diz que o objetivo maior é dar autonomia às mulheres que procuram ajuda: “Elas se sentem mais independentes. Quando permitem que aconteçam situações de violência, é porque precisam rever seus valores e analisar o que é importante em suas vidas”. Para Fátima, o Rio Mulher trabalha as questões de gênero de forma abrangente, mas o foco é a violência doméstica, que pode ser física, psicológica ou verbal, envolvendo toda a família. “Nós atendemos também a crianças e adolescentes que estão relacionados com essas violências”, frisa Fátima, que situa entre 15 e 20 o número de atendimentos semanais do Rio Mulher.

O Casa-Abrigo é uma das principais ações do Rio Mulher. Desenvolvido em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, o programa é destinado a vítimas de violência que não se sentem seguras e protegidas entre seus familiares. Funciona como residência temporária, durante quatro meses, onde as mulheres recebem atendimento psicológico, social e jurídico, além de atenção de uma equipe multidisciplinar para seus filhos. Os objetivos primordiais do Casa-Abrigo são a desconstrução da violência familiar e a reinserção da mulher e de seus filhos na vida em sociedade.

Para casos em que uma conversa é o suficiente, há o Ouvir Mulher, um canal de comunicação entre os cidadãos e a administração municipal, com atendimento pessoal, por telefone ou por *e-mail*. O Ouvir Mulher recebe críticas, sugestões e reivindicações e encaminha alguns casos para atendimento psicossocial na rede de referência do município. Em comunidade, os assuntos são debatidos em reuniões periódicas do programa Pequeno Território, cujo objetivo é pôr em evidência as questões prioritárias para as mulheres de uma localidade específica. Há ainda o Comitê de Gênero, formado por diversos órgãos da administração municipal que planejam conjuntamente a política de gênero para o Rio de Janeiro.

Mães e filhos que fazem parte da Rede Municipal de Educação recebem atenção especial através do Pólo Avançado de Atendimento, que trata de temas que vão desde cidadania e direitos do cidadão até violência e dependência química. Os atendimentos são realizados após agendamento pessoal, por telefone ou *e-mail*. O fato de o pólo ser dirigido prioritariamente a mulheres e crianças ligados à educação municipal não impede que os diversos órgãos da Rede encaminhem cidadãos para atendimento.

O Rio Mulher promove mensalmente os Fóruns de Cidadania, em cujas sessões são discutidos temas como responsabilidade partilhada de pais e mães e abordagens da mídia sobre o papel da mulher na sociedade. Para novembro está programado o tema políticas públicas diante dos desafios no enfrentamento da violência. ■



## SAIBA MAIS

Centro de Artes Calouste Gulbenkian/Rio Mulher  
Rua Benedito Hipólito, 125/  
Praça Onze - Centro  
Telefones  
2232-1087/2222-0861

# Para o outro lado do mundo

Programas da MULTIRIO são transmitidos em português para a comunidade brasileira no Japão



*Aventuras cariocas*



*Rio, a cidade!*



*Conversa de criança*



*Encontros com a mídia*

O interesse veio de muito longe. Mais especificamente do Japão, onde vivem cerca de 270 mil brasileiros, a maioria com pouco ou nenhum contato com a cultura e os costumes de seu país de origem. Desde agosto, programas da MULTIRIO estão sendo exibidos em língua portuguesa naquele país, por força de convênio recentemente firmado entre a produtora brasileira e o braço japonês do grupo International Press Corporation (IPC). Inicialmente serão exibidas mais de 200 produções das séries *Nós da escola*, *Abrindo o verbo* e *Cantos do Rio*. Mas o grupo japonês já demonstrou interesse em outros programas.

TEXTO

ALESSANDRA SAUBERMAN

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

**Crianças são as mais beneficiadas** – Com a exibição da programação brasileira, a IPC

deixa clara a intenção de priorizar as crianças. De acordo com o coordenador-geral do grupo, Marcelo Sudoh, elas enfrentam sérios problemas de adaptação quando as famílias se transferem para o Japão. Não havendo uma escola brasileira nos arredores – há apenas cerca de 60 delas reconhecidas pelo MEC –, ou se os pais não têm recursos para honrar as mensalidades, as crianças acabam sozinhas em casa. “Por isso e também pelo obstáculo da língua, alguns adolescentes brasileiros envolvem-se em gangues, o que pode explicar o fato de a comunidade brasileira registrar o maior número de menores internados em reformatórios”, diz Marcelo. A qualidade da programação que a MULTIRIO produz há 10 anos para crianças, adolescentes,



alunos de escolas municipais, professores e familiares pesou na decisão da IPC.

Além da TV, para a qual realiza programas interativos, campanhas, séries e animações mundialmente premiadas, a MULTIRIO também edita mensalmente a **NÓS DA ESCOLA** para os professores da Rede e mantém um portal na internet com conteúdos para educação infantil, ensino fundamental, educação especial e programa de educação para jovens e adultos.

A chegada ao Japão não foi a primeira fronteira ultrapassada pela MULTIRIO. Graças a seu pioneirismo no Brasil e na América Latina, a produtora brasileira obteve da Fundação Mundial de Cúpulas de Mídia para Crianças a indicação para realizar, em 2004, pela primeira vez em solo latino-americano, a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes. Além de organizar o evento, recebendo 3 mil representantes de 70 países, a MULTIRIO passou a abrigar desde então, na internet, o *site* do Rio Mídia, centro internacional de referência em mídias para crianças e adolescentes, gestado durante a cúpula ([www.multirio.rj.gov.br/riomidia](http://www.multirio.rj.gov.br/riomidia)). ■

## Cidadania em tela

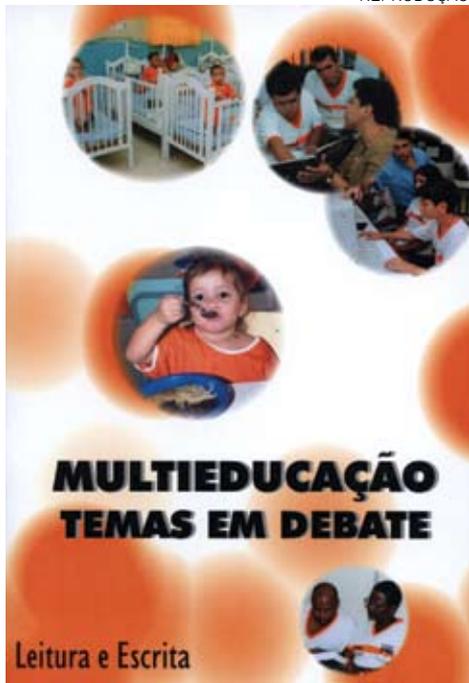
As produções da MULTIRIO vêm conquistando espaço também no estado do Rio de Janeiro. Desde fins de julho, convênio firmado com a Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro tornou possível a exibição da programação da produtora carioca pela TV Alerj, levando-a a praças para as quais não era transmitida, como as cidades de Campos, Angra dos Reis, Petrópolis, Resende, Volta Redonda, Teresópolis, Três Rios, Barra Mansa, Itaperuna e Nova Friburgo. O convênio, que inaugura uma fase de cooperação da TV Alerj com produtores públicos de conteúdo de qualidade, determina a exibição de três horas de programação de segunda a sexta-feira (das 8h às 10h e das 21h às 22h), mais duas horas aos sábados e domingos (das 20h às 22h).

Os programas selecionados para exibição na TV Alerj são variados e incluem as animações da série *Juro que vi*. O premiado curta de animação *O boto*, eleito melhor animação brasileira no Anima Mundi RJ, chega à telinha ao lado de *O curupira* e *Iara*, os outros dois curtas da série. Destacam-se ainda os seguintes programas:

- **Encontros com a mídia** – apresentado por Regina de Assis, presidente da MULTIRIO, com a participação de especialistas, leva para a TV a discussão em prol da mídia de qualidade.
- **Abrindo o verbo** – único programa da TV brasileira atualmente produzido e gravado com a participação de jovens, desvenda os bastidores de várias profissões, funcionando como um indispensável guia de serviços para quem já pensa no que “vai ser quando crescer”.
- **Rio, a cidade!** – programa diário, com discussão entre especialistas de temas relacionados à cidade.
- **Aventuras cariocas** – o ator Roberto Bomtempo vive um biólogo que leva crianças e jovens a expedições pelos ecossistemas do Rio de Janeiro.
- **Conversa de criança** – trata diversos temas do cotidiano sob a ótica das crianças.
- **Gerúndio e cacófato** – usa o humor para dar valiosas dicas de português.

# Atualização da Multieducação: leitura e escrita

REPRODUÇÃO



## Sinopse

A Secretaria Municipal de Educação, dando continuidade à atualização em Multieducação, propõe a reflexão sobre os processos de ensino e aprendizagem que envolvem a apropriação da leitura e da escrita. O tema, de interesse de todos(as) os(as) professores(as), merece atenção especial. São alunos envolvidos na descoberta do mundo das palavras e textos e de seus significados e sentidos. São professores envolvidos na mediação pedagógica, investindo no desenvolvimento dos alunos, ampliando as suas possibilidades de inserção e compreensão do mundo.



## Na escola

Ano após ano, chegam às escolas grupos de alunos que exercem socialmente a linguagem oral. Chegam animados, espertos, falantes, contadores de casos, "lendo e compreendendo o mundo" à sua maneira, com seus instrumentos. Esse jeito especial de ser criança traz as marcas sociais da vida em família, em comunidade, e muitos deles trazem também a vivência escolar na Educação Infantil.

### TEXTO

MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES  
DA CUNHA  
(COLABOROU A EQUIPE DE  
ALFABETIZAÇÃO DA DIRETORIA  
DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL)

### FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Esse processo de escolarização já iniciado, ou a se iniciar, representa uma enorme possibilidade para o desenvolvimento desses meninos e meninas. A escrita, como um objeto cultural de uma sociedade letrada, precisa ser aprendida. Faz-se necessário o ensino da escrita e da leitura de forma sistematizada e contextual.

O mundo conhecido pelas imagens, letras, sons, cheiros e sentimentos tem a possibilidade de ser representado por textos escritos, por palavras, por um código escrito que seja compreendido por todos os falantes da mesma língua. Meninos e meninas autores falantes de suas histórias transformam-se em leitores de muitas histórias e produtores de muitos textos.

O coletivo da sala de aula e da escola agrega as diversidades e se constitui em excelente espaço de interação, de troca, de conflito e de diálogo, onde o adulto mais experiente cria os espaços de mediação ao ensinar, considerando a história de cada um que compõe o grupo de alunos. É nesse espaço cotidiano e rico de vivências que acontece a apropriação da escrita e da leitura de forma sistematizada.

## Propostas de trabalho

O tempo e o espaço para pensarmos a leitura e a escrita na escola de hoje nos trazem grandes desafios: como articular os diferentes textos que circulam na sociedade com os textos lidos e produzidos na escola? Como atuar como escriba dos textos orais que circulam em sala de aula? Como organizá-los numa produção escrita? Como fazer referências às marcas textuais da escrita? Como contextualizar os diferentes sentidos que as palavras adquirem socialmente? Como lidar com as variações lingüísticas e o ensino da norma padrão? Como ampliar a rede de relações provocada pelo significado das palavras? Como sistematizar as diferentes vivências expressadas na compreensão da escrita pelos(as) alunos(as)? Em meio a essas e tantas outras indagações, estamos nós, professores, compromissados com o ensino da leitura e da escrita dos(as) nossos(as) alunos(as).

O nosso objetivo não é padronizar uma prática pedagógica única, mas sim nortear o ensino da leitura e da escrita a partir de uma prática reflexiva. Para tal, consideramos que alguns pontos são fundamentais neste processo:

- investir no diálogo. É muito significativo que as práticas orais sejam exercidas, que a oralidade seja ponto de partida para a compreensão do modo de pensar o mundo de nossos(as) alunos(as);
- compreender que as ações de falar, ler e escrever, embora relacionadas, são de natureza distinta, o que exige do professor estratégias distintas para o ensino;

- conceber a escrita como atividade discursiva, o que significa compreender que os discursos são produzidos a partir dos sentidos e dos significados. O que escrevo, para quem escrevo, como escrevo, por que escrevo e para que escrevo;
- possibilitar situações que levem os alunos a criar idéias, organizá-las, serem autores dos seus textos e co-autores nas leituras que fazem;
- criar situações de escrita pelos alunos, para serem lidas e não apenas corrigidas;
- partir do universo cultural do aluno como ponto de referência significativa no trabalho com a leitura e a escrita, abrindo caminhos para inseri-lo em diferentes modos de pensar e de ver o mundo;
- conceber a apropriação da leitura e da escrita, utilizando textos das diferentes áreas do conhecimento e de diferentes fontes.

Enfim, tratar da leitura e da escrita, seja nos períodos iniciais do Ensino Fundamental ou nas séries mais avançadas, exige necessariamente entender e considerar que o ensino da nossa língua merece abordagem mais contextualizada e significativa.

Professores(as) e aluno(as), esperamos que em cada sala de aula possa acontecer um excelente encontro com as palavras, com os textos e com as idéias que transformam cada um de nós e que contribuem com a formação de nossa cidadania. ■



Alunos da E.M. México na sala de leitura

# Centro produtor de vacinas

Brasil fabrica quase 80% do consumo interno de imunobiológicos

Desde a descoberta de Edward Jenner<sup>1</sup>, em 1796, as vacinas se tornaram a principal arma da humanidade contra doenças infecciosas, que ao longo da história foram responsáveis por milhares de mortes. Doenças como febre amarela, varíola, poliomielite e sarampo estão hoje erradicadas ou controladas no Brasil graças aos esforços da vacinação em massa. Também estão sob controle o tétano neonatal, as formas graves da tuberculose, a difteria e a coqueluche. O número de casos das duas últimas é hoje 1% do registrado há 20 anos. O país já produz quase 80% do total de doses necessárias à imunização da população e está prestes a nacionalizar a fabricação de uma série de novas vacinas.

A função de uma vacina é expor um indivíduo a um antígeno<sup>2</sup> para que seu organismo não desenvolva determinada doença e possa reconhecer o antígeno em um próximo contato, mobilizando desse modo defesas específicas que impeçam a difusão da infecção. A intenção é gerar nele uma memória imunológica sem que se tenha manifestado a doença. Hoje, diferentes tipos de vacinas são produzidos, mas todos segundo um mesmo princípio: identificar o agente causador de uma determinada doença, definir o antígeno e produzi-lo em laboratório com o objetivo de tornar os organismos imunes a ele.

No Brasil, apesar de as vacinas serem aplicadas desde o século XIX (*leia sobre a Revolta da Vacina na p. 44 desta edição*), apenas em 1973 os esforços de vacinação em massa se unificaram, com a criação do Programa Nacional de Imunizações (PNI). O programa inaugurou uma atuação mais abrangente e organizada, na medida em que foi estabelecido um calendário

de vacinação nacional atualizado regularmente, que atende a 77% das necessidades de vacinas no país. Sua criação propiciou as condições necessárias à fundação em 1976 do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos – Bio-Manguinhos – da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro, e do Centro de Biotecnologia do Instituto Butantã em 1985, em São Paulo. Juntas, as duas instituições respondem por 89% da produção nacional de vacinas.

**Centro de excelência** – O Bio-Manguinhos é o maior centro produtor de vacinas da América Latina. Pode processar 200 milhões de doses por ano e tem hoje um portfólio que atende a 48% da demanda de todos os imunobiológicos usados no PNI. A unidade, primeiramente, incorporou a produção de vacina contra a febre amarela, fabricada pela Fiocruz desde 1937. Em seguida, iniciou a produção da vacina contra as meningites A e C, em 1977, que hoje é fabricada apenas em casos de surto. Em 1983, passou a fabricar vacinas contra o sarampo e a pólio.

Para Maria de Lourdes de Sousa Maia, superintendente-geral de Pesquisas Clínicas do Bio-Manguinhos, a vacinação teve papel fundamental na redução da mortalidade infantil e no aumento da expectativa de vida dos indivíduos. “Se a população chega hoje aos 70 anos em média é porque foi protegida. Ela não morre mais de sarampo, paralisia infantil e várias outras doenças. Além disso, você não vê mais cenas de crianças aleijadas, se arrastando porque tiveram pólio, por exemplo. A proteção que a vacina propicia também melhora a qualidade de vida”, destaca.

Desde 1999, a unidade também produz a vacina contra o *Haemophilus influenzae*, tipo B (Hib), responsável pela meningite e outras infecções. A produção da vacina contra o Hib possibilitou uma parceria com o Instituto Butantã, que produzia a vacina DTP, contra difteria, tétano e coqueluche, também conhecida como tríplice bacteriana. Em 2001, foi disponibilizada nos postos de saúde

PEPE SCHEITINO



Vacinas contra a febre amarela e a poliomielite prontas para serem distribuídas

<sup>1</sup> Médico inglês nascido em 1749, Edward Jenner foi o descobridor da vacina contra a catapora em 1796.

<sup>2</sup>Antígenos são partículas ou moléculas capazes de deflagrar a produção de anticorpos no organismo. Bactérias, vírus, proteínas, carboidratos, células cancerosas e toxinas podem atuar como antígenos.



Processo de embalagem da vacina contra a febre amarela e envasamento da vacina contra a pólio no Bio-Manguinhos

LUIZ HAGEN



a vacina combinada DTP e Hib. A tendência de combinar o máximo de antígenos em uma só vacina, para reduzir o número de aplicações, fez também com que o Bio-Manguinhos passasse a produzir em 2004 a tríplice viral, que combate o sarampo, a caxumba e a rubéola.

**Novos antígenos** – Os produtores nacionais agora trabalham na produção de novas vacinas. O Bio-Manguinhos quer produzir até 2007 uma vacina contra a varicela e uma outra, reunindo numa mesma dose antígenos contra difteria, tétano, coqueluche e a hepatite B. Em setembro, o instituto iniciou os testes clínicos para vacinas contra as meningites B e C, desenvolvidas em parceria com a Fundação Adolpho Lutz e com o Instituto Butantã e que serão produzidas no Rio de Janeiro. As três instituições também desenvolvem vacinas contra a pneumonia e a esquistossomose.

Além da DTP, o Butantã fabrica vacinas contra a tuberculose, hepatite B, coqueluche, tétano e difteria. Recentemente, introduziu uma nova vacina contra a raiva humana e vai inaugurar em 2006 uma fábrica de vacinas contra a gripe, com capacidade de produção de 40 milhões de doses. O parque produtor no Brasil conta ainda com

o Instituto Vital Brazil, no Rio de Janeiro, e com o Instituto de Tecnologia do Paraná (Tecpar), em Curitiba. As importações estão reservadas na maior parte às vacinas chamadas especiais, não disponibilizadas nos postos de saúde. Em geral, são destinadas a indivíduos com algum tipo de deficiência imunológica – câncer, doença renal crônica, diabetes e Aids, por exemplo.

Maria de Lourdes Maia explica que produzir a maioria das vacinas em solo brasileiro significa independência para o país em relação ao mercado internacional. “Como ficaria o Brasil se um laboratório estrangeiro deixasse de produzir uma vacina essencial e a substituisse por outra que lhe dê maior retorno financeiro? A importância desses laboratórios é manter o país em condições de dar sustentabilidade a um calendário de vacinação, permitindo escolher que vacinas queremos disponibilizar”, frisa. ■

#### SAIBA MAIS

Site

Bio-Manguinhos

[www.bio.fiocruz.br](http://www.bio.fiocruz.br)

# Em busca da mídia de todos, para todos

“Extra! Extra! 130 anos da Comuna de Paris! Primeiro governo operário da história!”, apregoava o militante político entre a multidão que se acotovelava no *campus* da PUC de Porto Alegre durante o II Fórum Social Mundial, em 2002. Com uma pilha de jornais em uma das mãos estampando a inusitada manchete e com um exemplar estendido para o alto na outra, ele elevava à categoria de notícia um fato ocorrido há mais de um século, destoando dos princípios da imprensa tradicional e de alguns dogmas das rotinas de produção dos meios de comunicação de massa. Sem o peso da concorrência e com a ousadia de quem não precisa pensar na queda das ações na bolsa de valores se uma primeira página não emplacar, a mídia alternativa tem papel decisivo na democracia. Mesmo com problemas e limitações, situa-se como contraponto ao discurso hegemônico das grandes corporações, ainda que na maioria das vezes sem fôlego para se consolidar como alternativa real ao poder da mídia convencional. Além de sua importância como propagadora da chamada contra-informação, a mídia alternativa – principalmente os projetos de mídia comunitária – também se consolida como instrumento de inclusão social de crianças e jovens que, produzindo informação, têm seu primeiro contato com noções de cidadania e senso crítico.





Atividade do projeto Navegar Amazônia, iniciativa que desde 2002 promove a inclusão digital de populações ribeirinhas do Rio Amazonas no interior de um barco que percorre a região com modernos equipamentos de informática e vídeo

Quase todas as residências brasileiras possuem aparelho de TV e mais de um receptor de rádio. É principalmente pela TV que a classe média e as camadas menos favorecidas tomam conhecimento dos assuntos atuais, configuram hábitos e desenvolvem padrões de comportamento e de opinião. É claro que esse movimento de emissão e recepção de mensagens não se dá de modo pré-formatado. Os donos da mídia não vivem o cotidiano de leitores, telespectadores e ouvintes. Imagem e espelho da sociedade da qual faz parte, a mídia atual e seus conteúdos estão longe de ser aceitos de forma passiva pela população. Mas não é coincidência que em regimes de exceção ela seja utilizada como acessório da repressão física, no esforço de também conquistar mentes e corações. Tampouco é mero acaso que num regime democrático a elite se empenhe em controlar os meios de comunicação para fazer deles, além de grande e lucrativo negócio, o principal meio de controle social.

No Brasil, das 332 emissoras de TV existentes, 263 estão vinculadas às redes Globo, SBT, Record, Bandeirantes, CNT e Rede TV. Só a Globo tem 20 emissoras próprias, sem contar as afiliadas (empresas regionais que transmitem a programação das geradoras), apesar de a legislação sobre telecomunicações permitir

TEXTO

HUGO R. C. SOUZA

FOTO DE ABERTURA

JORGE BODANZKY

## Experiências cariocas

A cidade do Rio de Janeiro tem sido palco de experiências que têm como idéia central a inclusão social pela mídia. Algumas delas foram tema da série *Mídia de todos, mídia para todos*, produzida pela MULTIRIO e dirigida por Abelardo Lustosa. É o caso do TV Morrinho, realizado na favela do Pereirão. Crianças e adolescentes recebem treinamento técnico em vídeo para ajudá-los a conseguir um emprego na área. A idéia recebeu menção honrosa no Prêmio Internacional de Dubai 2004 para as melhores práticas para a melhoria das condições de vida, patrocinado pelo município de Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, e pela Organização das Nações Unidas (ONU). Outra iniciativa de sucesso é o Kabum! Escola de Arte e Tecnologia. Fruto da preocupação da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) de quebrar o ciclo de exclusão social, o Kabum! utiliza a arte como ferramenta pedagógica e a tecnologia como instrumento para ampliar os horizontes da juventude. Outro projeto importante é o Nós do Cinema, que aposta na inclusão de jovens de baixa renda por meio da sétima arte, com capacitação em informática e experiência prática em produções próprias e estúdios.

no máximo 10 concessões. Algo semelhante acontece com a mídia impressa. Seis grupos empresariais concentram a propriedade de mais da metade dos mais de 500 veículos com circulação diária. Essa concentração é também geográfica: apenas três estados – Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul – são sedes dos jornais de maior tiragem no país e apenas dois – Rio de Janeiro e São Paulo – concentram as matrizes das grandes redes de TV<sup>1</sup>.

As Organizações Globo são um dos maiores conglomerados de mídia do mundo. A extensão de seu domínio sobre a audiência é um caso único em países formalmente democráticos – somente em regimes totalitários há proporções semelhantes de potencial de influência. Foi durante o período que se seguiu ao golpe militar de 1964 que o grupo nasceu e se consolidou. O poder de sua rede de TV é motivo de controvérsia nos meios acadêmicos e até nas conversas em família – na mesa do jantar, entre um “plim-plim” e outro. O documentário do britânico Simon Hartog *Muito além do cidadão Kane* chegou a comparar Roberto Marinho (presidente das Organizações Globo já falecido) a Charles Foster Kane, mítico magnata da mídia norte-americana que usava e abusava de seu prestígio e dos meios de comunicação que controlava.

Para Dênis de Moraes, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), o sistema midiático atual tem graves distorções, com a propriedade dos meios de comunicação demasiadamente

<sup>1</sup> A concentração dos meios de comunicação nas mãos de alguns poucos grupos empresariais não é um fenômeno brasileiro. Em países como a Inglaterra, por exemplo, uma única megacorporação controla um terço da tiragem dos jornais diários. A mesma empresa – a News Corporation, do magnata da mídia Rupert Murdoch – domina ainda diversos jornais e redes de TV ao redor do mundo. Outro exemplo característico pode ser encontrado na Itália, onde o atual primeiro-ministro, Silvio Berlusconi, controla seis canais de televisão – três públicos e três privados. Como qualquer grande empresa, o objetivo das gigantes da mídia é dominar o mercado. Quando isso se refere à informação, o risco é que os interesses corporativos e a visão de mundo subjacente a esses interesses empresariais se tornem os pressupostos da interlocução com o cidadão.

<sup>2</sup> Em dezembro, o programa *Encontros com a mídia*, da MULTIRIO, vai discutir a inclusão social pela mídia. O entrevistado da presidente Regina de Assis será Jaílson de Souza, coordenador do Observatório de Favelas e presidente do conselho gestor da Escola de Comunicação Crítica.

concentrada nas mãos de um reduzido número de grupos empresariais. É essa minoria que controla a produção e a difusão de grande parte das informações e das opções de entretenimento em circulação. “Essas organizações atuam de maneira praticamente autônoma, priorizando estratégias mercadológicas que rentabilizem ao máximo seus investimentos e realçando determinados valores na elaboração de suas programações”, opina Dênis. Autor dos livros *Globalização, mídia e cultura contemporânea* e *Por uma outra comunicação*, o professor destaca dois impactos negativos dessa situação: a escassa diversidade nos conteúdos veiculados e a comercialização dos bens simbólicos numa proporção alarmante.

**Alternativas** – No dia 17 de outubro, comemora-se mais um Dia Mundial Pela Democratização da Mídia. Nesse mundo de oligopolização dos setores de multimídia e centralização da produção simbólica, onde a produção de “verdades” obedece a interesses de grupos empresariais em concorrência, como assegurar a vigência da democracia? Será que um outro mundo só seria possível se houvesse um processo de democratização efetiva da comunicação?<sup>2</sup>

Para Dênis, “é impossível imaginar uma democratização efetiva da vida social sem uma profunda revisão da configuração elitista e mercantilizada da mídia. Afinal, ela tem papel decisivo na reverberação de idéias e visões de mundo, interferindo de modo significativo na conformação do imaginário social. Para assegurar a livre-circulação de informações e o pluralismo cultural, impõe-se um controle democrático sobre esses aparatos ideológico-culturais, principalmente os concessionários de canais de TV e rádio. Se obtêm licenças para operar, é mais que justo que essas empresas concessionárias se submetam a regras e marcos estabelecidos pelo poder público, em consonância com os interesses da coletividade”.

Na pesquisa intitulada *Os meios de comunicação na lógica da globalização*, realizada com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Dênis aponta um duplo papel exercido pelas corporações de ▶

ALBERTO JACOB FILHO



Jovens alunos da Rede no programa *Abrindo o verbo*



O Projeto Olho Vivo reúne jovens do Morro do Preventório em torno de oficinas de capacitação em diferentes mídias

mídia nos dias de hoje: o de agentes operacionais da globalização, legitimando o discurso social hegemônico que transfere ao mercado a regulação das demandas coletivas; e o de agentes econômicos globais, tentando alcançar os parâmetros de lucratividade que norteiam as atuações das gigantes multinacionais em escala mundial. Uma combinação explosiva, que em termos de objetivos iguala as grandes empresas de mídia a empresas como outras quaisquer.

Para Dênis, a mídia alternativa é valiosa enquanto prática de comunicação voltada à difusão de conteúdos que questionem o *status quo* e defendam os direitos da cidadania, fomentando o debate de idéias transformadoras e o pluralismo cultural. Os projetos de inclusão social pelos meios de comunicação, principalmente os que trabalham estabelecendo vínculos com as comunidades pobres e marginalizadas, exercem papel fundamental na luta de forças para dar sentido ao mundo, ao cotidiano, aos modos de comportamento do cidadão diante das questões de seu dia-a-dia – das mais pragmáticas aos grandes temas globais. Isso, afirma Dênis, é fundamental como resposta à crônica desconfiança e mesmo ao desprezo da grande mídia pela vida, valores e modos de expressão dos mais pobres: “Quanto mais rádios, televisões e oficinas comunitárias tivermos, mais chances teremos de contribuir para essa consciência cidadã, inclusive dando voz e imagem às aspirações e aos sentimentos das maiorias excluídas”, avalia.

**Educação e comunicação** – “Entendendo o domínio dos meios de comunicação como forma de poder, acredito que se moradores de comunidades de baixa renda passam a ter acesso à produção de informações passam também a ter mais chances de transformar a comunidade e o mundo em que vivem”. O otimismo vem de Olívia Bandeira, coordenadora do Olho Vivo, um projeto

que transforma em comunicadores jovens de baixa renda com idades entre 13 e 18 anos. Em Niterói, nas comunidades da Grota, Morro do Preventório e Jurujuba, cerca de 100 adolescentes participam de oficinas de fotografia, reportagem, programação visual e *webdeveloper*.

Iniciado em 2003 com um grupo de 40 jovens fotógrafos no Morro do Preventório, o projeto disponibiliza aos participantes o acesso a tecnologias de informação, além de capacitar meninos e meninas a gerenciar dois jornais comunitários e uma agência eletrônica de notícias. Com o apoio da Petrobras, o Olho Vivo é desenvolvido pela Bem TV – Educação e Comunicação, uma entidade civil sem fins lucrativos que usa a comunicação como metodologia educacional para promover a cidadania entre crianças e adolescentes, comprometendo-os com a construção de uma sociedade solidária.

Em 2004, integrantes de um grupo inicial de fotógrafos decidiram editar um jornal mensal na comunidade do Preventório, o *Palavra do Morro*, que se tornou sustentável graças a anúncios de comerciantes locais. Em parceria com os jovens do *Nós da Fita*, da TV de rua local, o grupo do *Palavra do Morro* fez uma campanha pela redução da quantidade de lixo nas ruas, considerado pelos moradores o principal problema da comunidade. Graças à mobilização, a associação de moradores conseguiu reunir um número recorde de pessoas para discutir propostas a serem encaminhadas à Prefeitura. Duas delas foram atendidas: a distribuição de mais caçambas coletoras de lixo pelo morro e a reativação do programa Sábado da Faxina, um mutirão para a limpeza de ruas e encostas. Um belo exemplo de como um projeto de inclusão social pela mídia pode mobilizar a população, pressionar governantes, ajudar a fiscalizar associações, gerando atos para a melhoria da qualidade de vida, e mostrar à sociedade que

## SAIBA MAIS

### Sites

4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes ([www.riosummit2004.com.br](http://www.riosummit2004.com.br))

Projeto Navegar Amazônia ([www.navegaramazonia.org.br](http://www.navegaramazonia.org.br))

Fórum Nacional Pela Democratização da Comunicação ([www.fndc.org.br](http://www.fndc.org.br))

CMI – Centro de Mídia Independente ([www.midiaindependente.org](http://www.midiaindependente.org))

Bem TV – Educação e Comunicação ([www.bemtv.org.br](http://www.bemtv.org.br))

Observatório de Favelas ([www.observatoriodefavelas.org.br](http://www.observatoriodefavelas.org.br))



o que acontece em comunidades pobres não se resume a miséria e violência.

Mas, segundo Olívia, o projeto não pode se deter a questões locais: “Procuramos falar dos problemas do país e do mundo, discutir a responsabilidade do jovem na construção de um mundo melhor, de uma sociedade mais justa, e não apenas na melhoria do local onde vive. Discutimos também o direito à informação e à democratização da comunicação”.

Na comunidade da Grota, a discussão sobre a educação pública foi incluída nas oficinas de jornal comunitário promovidas pelo projeto

Olho Vivo. Olívia acredita que a escola pública pode contribuir para o trabalho com crianças e adolescentes sobre as maneiras de lidar com a informação, de se relacionar com a mídia e com a sociedade audiovisual. Para ela, é fundamental a existência de políticas públicas que estimulem e dêem condições à direção, aos professores e aos alunos de utilizarem os meios de comunicação como forma de inclusão. “Pode-se começar trazendo jornais, revistas, sites e programas de rádio e de televisão para serem analisados criticamente em sala de aula. Daí, parte-se para o estímulo à produção pelos próprios alunos e professores”, exemplifica.

Na visão da coordenadora do projeto Olho Vivo, comunicação e educação são duas áreas não apenas complementares, mas indissociáveis: “Comunicação pressupõe troca, diálogo, e a educação também precisa se nortear por esses princípios. Além disso, a educação não pode ignorar os processos de produção de informações numa sociedade cada vez mais

## Oficinas para professores da Rede

A Assessoria de Integração da MULTIRIO vem desenvolvendo, desde 2003, encontros e oficinas de mídia voltados aos professores das escolas municipais do Rio de Janeiro, com o objetivo de promover uma reflexão sobre a mídia e seus impactos na sociedade. As oficinas são: Produção e Criação de Vídeo, Montagem de Rádio Escolar, O Texto Jornalístico no Cotidiano Escolar e Navegando e Criando na Internet, com produção final de artigos em rádio, TV, mídia impressa e internet.

Já o Núcleo de Animação da MULTIRIO desenvolve o projeto Carta Animada pela Paz, no qual os alunos da Rede são responsáveis por todo o processo de criação de desenhos animados, desde a elaboração do roteiro até a trilha sonora e a finalização. A equipe do projeto busca levar a técnica e a linguagem da animação às escolas, permitindo que as crianças criem as próprias histórias. O objetivo é repensar a relação do público infantil com a mídia.

Outra iniciativa é o trabalho realizado pelo Espaço Multirio, localizado no Centro de Cidadania Rinaldo Delamare da Prefeitura do Rio de Janeiro. O objetivo é incentivar a reflexão de crianças e jovens entre seis e 17 anos sobre o cotidiano e o futuro e debater temas atuais, como sexualidade, cidadania, ecologia, ciências e artes. Os jovens são separados por faixas etárias para debater os assuntos propostos. Os alunos da Rede Municipal de Ensino têm, ainda, espaço no programa *Abrindo o verbo*, do núcleo de TV da MULTIRIO. Eles participam da definição do formato e dos temas do programa semanal, que permite aos alunos expressarem suas opiniões.



Professores da Rede nas oficinas da MULTIRIO

# A mídia e as armadilhas da simplificação

POR SYLVIA MORETZSOHN\*

– *Eu gostei, Lúcio. Gostei paca. (...) É assim mesmo que eu acho – teatro didático, direto, sem volta.*

– *É, só que nada é direto, sem volta, nada.*

– *Mas tem que fazer assim, ora, senão ninguém entende e...*

– *Então fique sem entender, então morra burro. Mas quando entender, entenda que dá volta, que é complicado, que oitocentos bilhões de pessoas já passaram pelo mundo e só começaram a resolver. Cartilha é até os sete anos, só, entende?*

Oduvaldo Vianna Filho, *Moço em estado de sítio*, 1965

O Brasil é como uma grande família. Papai e mamãe trabalham e, com o dinheiro que recebem, administram o lar, a partir de uma lógica evidente: não se pode gastar mais do que se ganha. Podem eventualmente fazer empréstimos, comprar coisas mais caras à prestação, mas em limites razoáveis. Do contrário, não serão capazes de honrar as dívidas. Assim em casa como no país. Simples, não é?

Não, não é. A economia doméstica não tem qualquer semelhança com a política econômica. Papai e mamãe não precisam fazer investimento a fundo perdido, não têm dívida externa, não emitem moeda – e se o fizerem vão presos. Estas são atribuições do Estado, que, aliás, define o horizonte das possibilidades de gerenciamento da casa, a partir mesmo do *status* a que papai e mamãe podem almejar – se terão um bom emprego, um emprego medíocre ou se estarão desempregados e precisarão se virar para sobreviver.

No entanto, é essa lógica simplória que volta e meia aparece na mídia, sobretudo nos telejornais. A justificativa é que é necessário simplificar para que o público entenda. Porém, a simplificação costuma conduzir a um entendimento completamente invertido, embora, à primeira vista, perfeitamente coerente, porque conforme ao senso comum.

Essa situação não é gratuita nem acidental. Tampouco se trata de “erro” ou insuficiência passível de ser corrigida de acordo com a capacitação de quem trabalha na mídia: como qualquer grande empresa, as corporações de comunicação estão inseridas privilegiadamente no reino do capital e trabalham ativamente para preservá-lo. Mas fazem isso de maneira sutil, de modo que todo o proces-

so de construção discursiva e de produção de sentido se dilua. O comunicador – apesar das diferenças entre um jornalista e um animador de programa de auditório – aparece como igual ao seu público, adotando uma linguagem coloquial, buscando uma postura informal, como se conversasse com a sua audiência. E o que informa resulta dessa suposta conversa, de modo que fatos da mais alta complexidade são tratados pela ótica do senso comum, exatamente à maneira da automática e ancestral valorização da *vox populi*.

O resultado é a reiteração desse mesmo senso comum, através de uma inversão no sentido da produção discursiva que, há cerca de 10 anos, um intelectual francês resumiu no título de um de seus livros: *A mídia pensa como eu!*. Pois é precisamente disso que se trata: levar o público a confirmar suas certezas, num trabalho cotidiano de sedimentação de consensos que tende a desqualificar *a priori* o discurso crítico como algo ultrapassado, fora de lugar.

Por isso, “entendemos” que as finanças do Estado obedecem à mesma lógica da dona-de-casa; que o voluntariado substitui as políticas de assistência pública, e então louvamos como exemplo de cidadania justamente uma iniciativa que representa a redução dos direitos sociais do cidadão; que o crime é um corpo estranho ao organismo sadio da sociedade, e por isso elimina-se o crime eliminando-se o criminoso; que para acabar com o “problema” das drogas – e as aspas aqui apenas sublinham a interpretação dominante para a questão – basta dizer não e trancafiar os traficantes; que para levar uma vida saudável basta cortar o cigarro e o álcool, combater o sedentarismo, alterar os hábitos alimentares – numa palavra, mudar o estilo de vida.

Cartilha deveria ser só até os sete anos, se tanto; mas é esse o receituário da mídia dominante. E nenhum projeto que vá contra essa corrente – e, portanto, trabalhe com o senso comum na perspectiva de alterá-lo – pode cair na armadilha da simplificação, sob pena de relacionar-se com o público da mesma maneira autoritária, com a única diferença do sinal trocado, condenando-se a apenas substituir uma mistificação por outra. Este é, talvez, o principal problema para os projetos de comunicação alternativa que proliferam pelo país.

\* Sylvia Moretzsohn é professora de jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF).

organizada em torno das relações midiáticas. Acredito que para transformar o mundo e nos tornarmos cidadãos é necessário desvendar esses instrumentos que fazem parte do nosso dia-a-dia, apropriando-nos deles. O campo da educação tem muito a contribuir com o da comunicação ao transformar as informações em conhecimento”.

**Limitações** – O professor Dênis de Moraes também acredita no poder da escola pública para ações conseqüentes e articuladas em projetos de inclusão social pela mídia. Algumas possibilidades são a realização de oficinas de produção de conteúdos informativo-culturais alternativos, o estímulo à pesquisa comparada nos meios de comunicação (para evidenciar como os fatos podem ser abordados de diferentes modos em veículos distintos) e a organização de ciclos de palestras de profissionais comprometidos com o desenvolvimento de projetos sérios de comunicação participativa e inclusiva.

As mídias comunitárias, porém, não estão livres de problemas de forma, conteúdo e propósitos, e a escola precisa estar atenta a essas contradições. Dênis observa que não é incomum a reprodução de elementos do discurso informativo da grande mídia num jornal ou num programa comunitário. Ele ressalta, no entanto, que, embora a renovação discursiva deva ser um objetivo a perseguir, a repetição de certos padrões não invalida a importância das iniciativas.<sup>3</sup>

Para Dênis, “a linguagem é fator relevante e deve ser imaginativa e ousada. Mas temos que avaliar simultaneamente a natureza dos conteúdos transmitidos, sua adequação ao público-alvo, sua coerência ideológico-cultural, sua capacidade de mexer com as emoções e de despertar o ânimo dos destinatários para o enfrentamento da realidade. Só não podemos cultivar a ilusão de que resolveremos tudo com os projetos comunitários, por mais que sejam componentes indispensáveis na longa luta pela democratização da comunicação. Temos que perseverar, em todos os planos, para mudar radicalmente a sociedade mercantilizada que aí está”.



Jovens de várias partes do mundo participaram de oficinas de mídia durante a 4ª Cúpula

São constatações importantes para balizar as atividades relativas a um trabalho com o qual a escola precisa contribuir. As novas gerações têm seu papel a desempenhar. É delas também a luta para revitalizar a sociedade civil como espaço de atuação e de reivindicação coletiva, articular esforços em torno da revalorização da política e da luta por direitos – acima de tudo, o direito de vislumbrar o futuro como uma arena em que terão condições de batalhar não apenas pela mera sobrevivência na sociedade capitalista, mas pela construção de alternativas para o mundo do qual fazem parte. Trabalhar sempre com a certeza de que a comunicação é um campo fundamental dessa temática é um grande começo.

O recado deixado pelas crianças na cerimônia de encerramento da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes do mundo inteiro mostraram que estão conscientes do desafio. Como disse o jovem malaio Khairu Azri Sabri: “Se vocês nos ensinarem a amar, amaremos. Se nos ensinarem a brigar, brigaremos. E se vocês nos deixarem livres para praticar o que pensamos, voaremos”. ■

<sup>3</sup> “É possível criar uma contra-informação que seja de qualidade, séria, que não seja somente ideológica. A informação que apenas diz *slogans*, que repete canções coletivas para que todos sejamos contentes, não é um avanço. Há que se trabalhar seriamente por direitos, tratar de construir um outro mundo” (Ignacio Ramonet).

# Prevenção e luta contra estigmas

Escola deve estar atenta ao consumo e ao tráfico de drogas, mas também aos preconceitos

Quando se fala em violência urbana, o Rio de Janeiro surge como caso emblemático. Expressões como “guerra do tráfico” e “poder paralelo”, para uns, podem parecer perfeitas para caracterizar os problemas de segurança da cidade. Para outros, entretanto, são exageros fora de propósito, pois tráfico e traficantes de drogas fazem parte de um imaginário coletivo em que a insegurança não se restringe a ter medo de bandido.

TEXTO

HUGO R. C. SOUZA

IMAGENS

SÉRIE PRESENTE DO FUTURO

EPISÓDIO *DIGA NÃO*

O medo ronda todas as áreas da existência humana – do medo de perder o emprego, de não conseguir atendimento no hospital, ao medo de não ter um futuro digno, de envelhecer sem

garantias e outros tantos medos dirigidos principalmente às populações menos favorecidas.

Ter medo de traficante de drogas não surgiu do acaso. Durante a transição para a democracia no Brasil, na década de 1980, o medo que se tinha do guerrilheiro/terrorista – típico do período autoritário no Brasil – foi substituído por um outro em que se construiu o estereótipo do novo inimigo público número um: o jovem negro, funkeiro, morador de favela, potencial traficante armado. Por meio desse discurso construído pela mídia e pelas autoridades em segurança pública, a juventude pobre do Rio de Janeiro passou a ser a clientela favorita do



## Concurso para tirar a droga de cena

A Prefeitura do Rio de Janeiro e o Escritório das Nações contra Drogas e Crimes (UNODC) assinaram em 2003 um memorando que estabeleceu parceria entre as duas instituições. O documento criou as condições necessárias ao estabelecimento de um programa de cooperação técnica entre o UNODC e a administração municipal, visando a uma reposta mais eficaz da cidade aos efeitos adversos gerados pelo binômio drogas e crimes, mediante estratégias e ações voltadas para os seguintes pontos: inserção social dirigida a populações vulneráveis e de alto risco; prevenção às drogas, incluindo a ampliação da oferta de serviços de tratamento e de atenção ao dependente químico e sua reinserção social; e prevenção ao crime dirigido a populações afetadas pelo tráfico de drogas, com ênfase especial em populações jovens em situação de extrema vulnerabilidade social. O acordo assinado pelo prefeito César Maia é o primeiro deste tipo entre o UNODC e uma prefeitura brasileira. A Prefeitura mantém, ainda, por ação das secretarias de Educação e de Prevenção à Dependência Química, o o concurso anual de textos teatrais Tirando a Droga de Cena. O teatro é usado como instrumento para prevenir o consumo das drogas pelos alunos da Rede de Ensino e motivar a discussão em sala de aula, através da criação de textos e encenações sobre as conseqüências da utilização das drogas e sobre as diversas maneiras de evitá-las.

sistema penal e de sua função de controle social, como se não bastasse o cotidiano de violência e morte de suas comunidades.

Um caso típico desse preconceito pode ser observado na maneira pela qual a mídia se refere à juventude que se envolve com atos ilícitos. Quando um menino que exibiu uma arma apertou o gatilho e acertou a cabeça de uma colega na escola, os dois principais jornais cariocas estamparam em suas páginas manchetes como: “Menor dispara tiro na cabeça de menina” e “Menor que atirou em estudante se entrega”. A diferença está clara: de um lado, o menor, com toda a carga negativa que a palavra denota; do outro, a menina, a estudante, a inocência. A preferência pelo termo menor no lugar de menino, ou jovem, ou adolescente, demonstra uma clara tendência de tentar transformar todo e qualquer caso que envolva violência em questão moral.

## Diretrizes

Fortalecer a auto-estima dos alunos, informá-los e promover a reflexão sobre as informações – esta é a abordagem proposta pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) quando o assunto é drogas. Por intermédio da equipe de projetos de extensão, meio ambiente e saúde, a SME atua na linha da prevenção primária, que consiste em um conjunto de ações que a escola pode levar à frente para evitar que a criança e o adolescente se tornem usuários de drogas legais ou ilegais.

Ao conduzir um debate relacionado ao tema drogas, o professor deve observar:

- o respeito ao aluno, independentemente da situação em que se encontre e mesmo que seja usuário de drogas;
- o respeito à diversidade;
- a sensibilidade em relação à realidade sócio-cultural em que alunos e escola estão inseridos;
- a utilização de conhecimentos científicos para basear os debates sobre as informações que chegam por diversas fontes: mídia, família, amigos, livros etc.;
- o trabalho com foco na auto-estima do aluno, acreditando na capacidade que ele tem para refletir;
- a continuidade, no sentido de que o contexto preventivo faça parte do cotidiano escolar.

O problema da violência e das drogas no Rio de Janeiro está longe de ser uma luta do bem contra o mal, uma guerra das “pessoas de bem” contra os “inimigos da sociedade”. É um problema social, cuja solução não se restringe à repressão policial; um problema que faz parte do cotidiano dos jovens brasileiros e que deve receber atenção da escola<sup>1</sup>.

Pesquisa coordenada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) em escolas públicas e privadas de 13 capitais brasileiras e do Distrito Federal analisou o envolvimento dos jovens com drogas e sua repercussão no cotidiano escolar. Foram entrevistados alunos, responsáveis e membros do corpo técnico-pedagógico. O trabalho levou em consideração a concepção do que é droga, quais são as mais conhecidas e consumidas entre os jovens, as peculiaridades



referentes ao uso e a concepção sobre o que são drogas lícitas e ilícitas. A conclusão foi que a abordagem dessa questão dentro da escola não pode passar apenas pelo viés repressivo. São necessárias estratégias de longo prazo envolvendo escola, família, comunidade e políticas públicas. Além da questão do consumo, o problema das drogas diz respeito também à violência associada ao tráfico.

Outra pesquisa levada a efeito em 2004 também pela Unesco, intitulada *Cotidiano das escolas: entre violências*, revelou que 14% de um total de

1.705 professores, ouvidos em quatro capitais e no Distrito Federal, reconhecem a existência do comércio de drogas ilícitas nas escolas onde trabalham.

Sendo o Rio de Janeiro um caso emblemático com relação às drogas, tanto o consumo quanto o tráfico envolvendo estudantes da escola pública, seja no ambiente escolar ou em lugares distantes da escola, precisam ser abordados não apenas no sentido da prevenção. Os alunos devem ter acesso a informações que possibilitem a reflexão do ponto-de-vista da saúde pública e o aprofundamento que ultrapasse a questão moral. É preciso cuidar para que o modo pelo qual o aluno se relaciona com o tema não tome a forma dos preconceitos vigentes, muitas vezes voltados contra sua própria condição de jovem negro e morador de favela. ■

<sup>1</sup> O episódio da série de TV da MULTIRIO *Presente do Futuro*, que aborda a questão das drogas, intitulado “Diga não”, foi premiado com o terceiro lugar na categoria Ficção de 12 a 15 anos do Festival Ibero-americano de Televisão Infantil Prix Jeunesse, o principal evento internacional voltado a programas de TV para crianças e adolescentes.

### SAIBA MAIS

#### Livro

*Diffíceis ganhos fáceis – drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro* (Vera Malaguti Batista, Revan.)

#### Site

[www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br)

#### Portal MULTIRIO

[www.multirio.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21)

# Resgate cultural da Gamboa

Sede do antigo mercado de escravos, a Zona Portuária do Rio de Janeiro já foi berço do carnaval, do samba, do choro, palco de efervescência cultural e até foco de rebeliões. Sua importância na história da cidade é indiscutível, muito embora sejam poucos os moradores da região que conhecem suas riquezas culturais e históricas. Foi para mudar esta realidade que a professora de educação infantil Fátima Moreira desenvolveu com seus alunos da Escola Municipal Antônio Raposo Tavares, na Gamboa, o projeto Zona Portuária: o Samba e Outras Histórias.

Tudo começou com a exibição de um desenho animado sobre a relação histórica da região com o samba. Na tela, um menino conversava com os grandes compositores que ali moraram, como Donga e Pixinguinha. Na platéia, os alunos tinham de produzir um trabalho sobre o filme. Os resultados foram tão positivos que Fátima resolveu levar o tema para a sala de aula.

Os alunos aprenderam que o samba nasceu numa colônia conhecida como Pequena África – área que se estendia da Pedra do Sal, próxima à Praça Mauá, até a Praça Onze, habitada por escravos libertados pela Lei Áurea. Os músicos da região costumavam se reunir na casa de uma senhora conhecida como Tia Ciata. Mulher de médico, Ciata tinha melhor posição financeira que a maioria dos vizinhos, daí as festas acontecerem sempre em sua casa. Foi numa delas

que Donga compôs *Pelo telefone*, o primeiro samba de que se tem notícia.

**Origem das favelas** – As aulas incluíram ainda aspectos sobre a cultura nordestina, especialmente a baiana, importante influência na região. O grande contingente de descendentes de nordestinos que hoje habita a Zona Portuária começou a se formar durante a Guerra de Canudos (1893-1897). Os refugiados da guerra migraram para o Rio de Janeiro e fundaram o Morro da Favela, hoje, da Providência, primeira favela da cidade e até hoje a maior da região. “O morro ficava perto do Cais do Porto, estava desabitado e era semelhante à região onde eles viviam em Canudos. Já o termo favela veio de uma planta do sertão nordestino que aqui cresceu em abundância nas encostas”, explica a professora. Mais tarde o nome passou a identificar as comunidades carentes, com moradias precárias, que brotaram em outros morros da capital fluminense.

A região portuária ainda concentra muitos outros marcos históricos. Fátima resolveu começar pelo Cais do Porto. “Muitas crianças têm pais que trabalham como estivadores. Por isso, falo do Cais do Porto e de sua importância para a economia. Por ali passam as mercadorias comercializadas com outras cidades”, justifica a professora. Do cais, as aulas partiram para a Central do Brasil, os trens e outros meios de transporte da época. A professora explicou que os escravos vinham da África em navios e eram vendidos no Mercado do Valongo, situado no bairro da Saúde, próximo à escola. Depois, falou da escravidão e de como os escravos viviam no Brasil. As aulas ganharam novas cores depois que as crianças começaram a associar os fatos históricos a lugares pelos quais passam todos os dias.

**Interdisciplinaridade** – E não foi só a história que ganhou sabor especial com o projeto. Fátima ressalta que o trabalho é interdisciplinar. O estudo da geografia agora inclui mapas da África e da Bahia. No quadro de contagem, as unidades são representadas por barcos e o alfabeto é montado com palavras relacionadas

ALBERTO JACOB FILHO



Os alunos experimentaram danças típicas da cultura da Zona Portuária



Fantoches representando personagens célebres da região foram feitos pelas crianças

à história da região. Desenhos, colagens e pinturas também remetem ao mesmo tema e as aulas utilizam cartões postais antigos, fotos, ilustrações e música. “Mostrei para eles o choro, a batucada e o maxixe, que foi a origem do samba. É bom que eles tenham contato com outros tipos de música além do *funk*, que é o que conhecem”, explica Fátima.

Alguns dos resultados do trabalho já puderam ser vivenciados por pais, professores e mesmo por outros colegas. Com suas duas turmas, Fátima ensaiou uma coreografia representando a história do samba, que foi apresentada na Mostra Regional de Dança da 1ª CRE e na Semana do Folclore. Os alunos ainda confeccionaram fantoches retratando grandes nomes do samba, bonecos de jornal representando orixás, para discutir o sincretismo e a cultura africana, e desenharam cenários com material aproveitado de sucata. Outra coreografia foi apresentada no Campo de Santana, como parte do projeto Tudo ao Mesmo Tempo no Rio, da Prefeitura. As turmas também trabalharam a culinária baiana durante a Semana da Alimentação.

Em sala de aula, as atividades não param. Os alunos já fizeram desenhos representando personagens históricos, como Pereira Passos, Antônio Conselheiro e Tia Ciata, e ilustrações sobre as necessidades da região, definidas a partir de um levantamento feito junto aos pais. Até o final do ano eles produzirão ainda maquetes de lugares-chave da cidade, como a Avenida Rio Branco.

**Preservação** – Para Fátima Moreira, que está em seu primeiro ano na E. M. Antônio Raposo Tavares, o projeto tem um significado especial. “Minha família tem uma ligação muito forte com a Gamboa. Meu pai e minha mãe são portugueses e começaram a vida aqui”, conta. Na opinião da professora, os benefícios do trabalho incluem a conscientização de pais e alunos sobre a importância da Zona Portuária e, conseqüentemente, sobre a necessidade de preservá-la. “O projeto é uma forma de valorização da região, do local onde os alunos moram, de suas origens. Isso ajuda no resgate da auto-estima deles ao mesmo tempo em que deixa clara a importância de preservar o local”, resume. ■

# O bom exemplo da leitura

Aprender matemática, história, geografia e português pode ser mais fácil e prazeroso do que parece. Ao menos para 37 alunos da quarta série da Escola Municipal Tiradentes, que incluem teatro, desenho, passeios, música e muitas atividades lúdicas ao seu processo de constituição de conhecimento dentro e fora da sala de aula. A proposta, que valoriza a interdisciplinaridade no ensino, começou há três anos sob a orientação da professora Andrea Mota de Almeida e já passou por diferentes etapas.

O trabalho atual ganhou o nome de Leitura e Ação e pretende familiarizar as crianças com os diferentes estilos de texto, ensinando-as a reconhecer e produzir descrições, narrações, poesias, fábulas e outros gêneros literários. “Acho legal não restringir a um só tipo de texto, pois eles têm de experimentar e usar a criatividade”, ressalta a professora, que já criou com os alunos um livro de poesias e o que ela chama de “a propaganda do bom exemplo”. “Não dá para tentar modificar o mundo sem atitudes de respeito com o próximo. Partimos da música da campanha *Bom exemplo: essa moda pega*<sup>1</sup> e surgiram produtos e anúncios em torno do tema, seguidos de muita produção de texto. Chegamos até mesmo às histórias das CPIs

(Comissões Parlamentares de Inquérito) e do mensalão, discutidas como maus exemplos”, explica Andrea. As peças, produzidas numa oficina com caixas de isopor, cola, tesoura, lápis de cor e hidrocores, formaram o “varal da propaganda” e foram expostas numa maquete sugerida pelas próprias crianças.

**Biblioteca em atividade** – Outro resultado foi a criação da estante da leitura, que reúne revistas, histórias em quadrinhos, jornais e muita literatura infantil, catalogados pelos próprios alunos, que se conscientizam sobre a importância da organização dos materiais. Eles têm autonomia para trabalhar com a estante, escolhendo os assuntos de acordo com os seus interesses, mas é necessário um registro para cada tema estudado, destacando o autor e uma proposta de trabalho a partir da leitura. O produto final pode aparecer em forma de charge, quadrinhos, resumo, caricatura, diálogo, jogral, poesia, pintura ou qualquer outra forma de expressão imaginada pelos alunos. O que não falta é espaço para a criatividade.

A professora faz uma revisão quinzenal do trabalho, mas o projeto cria uma interação tão grande que os alunos se acostumaram a reler



A idéia do projeto Leitura e Ação é familiarizar os alunos com os diferentes tipos de textos

suas anotações, encontrando possíveis erros de ortografia ou de concordância verbal. “Muitas vezes, eles mesmos fazem a correção dos textos. Os que tinham preguiça de ler passaram a ter curiosidade pelo que os outros estão lendo. E todos aprenderam a dar valor ao que eles próprios produzem”, avalia Andrea.

Alunos como Gustavo Douglas da Silva, de 12 anos, Juliana Almeida de Oliveira e Tainá Moreira Matos, de 10 anos, já estão sentindo saudades antecipadas das aulas da professora Andrea. Desde o início do projeto, eles descobriram o gosto pela leitura e, aos poucos, foram deixando a bagunça de lado. Hoje, os trabalhos são recebidos com responsabilidade cada vez maior. “O projeto me ajudou a aprender a ler livros. Agora gosto muito de ler, mas antes achava chato. Vou sentir falta desses últimos três anos, porque mudei minha maneira de ser, ler e escrever. Queria continuar participando”, conta Gustavo.

Já Juliana e Tainá acreditam que as atividades do projeto ajudaram também no relacionamento com os colegas e no comportamento dentro e fora da escola. “Eu era muito tímida e hoje me relaciono melhor com meus amigos. Quanto à leitura, agora também tenho esse hábito em casa. Vou sentir muitas saudades de tudo o que passamos, porque estamos juntos há três anos, aprendendo e nos divertindo ao mesmo tempo”, completa Juliana.

**Ciclo em conclusão** – Antes de conhecer a professora Andrea, poucos dos colegas de Gustavo, Juliana e Tainá associariam à escola as experiências pelas quais passaram nos últimos três anos. A estante de leitura foi apenas uma delas. Eles também visitaram pontos turísticos e centros culturais relacionados aos temas abordados em sala de aula, como o Pão de Açúcar, a Casa França-Brasil e o Centro Cultural Banco do Brasil.

Tudo começou em 2003, quando, partindo da temática Terra como Cartão-postal, as crianças foram incentivadas a imaginar e a pôr no papel tudo o que seria necessário para tornar o mundo um lugar melhor para viver. Em 2004,

a iniciativa gerou um trabalho sobre fábulas, a partir do qual foram desenvolvidas peças e adaptações teatrais, com especial atenção à expressão corporal dos alunos. “Construímos improvisações em torno da mensagem do livro *O pequeno príncipe*<sup>2</sup>, para trabalhar valores e criar um clima de amizade na turma”, ressalta a professora. O objetivo inicial foi bem cumprido e hoje, no último ano do projeto, a turma faz lembrar uma grande família. Uma melhor relação professor-aluno foi apenas um dos resultados do trabalho, que formou laços de amizade e respeito entre todos.

No final deste ano, o projeto será encerrado com uma revisita a *O pequeno príncipe*. O livro servirá de ponto de partida para uma nova montagem teatral, desta vez com a idéia de que é preciso “cativar para mudar o mundo, fazer um país melhor e criar relações de amizade entre as pessoas”. Os resultados, na opinião de Andrea, não poderiam ser melhores. “Hoje, tenho alunos que escrevem muito bem e cometem poucos erros de ortografia. A grande maioria não tem medo do papel e a folha em branco já não é um desafio”, comemora a professora, que ressalta o apoio da escola, da coordenadora pedagógica Marília Vilella e a participação das famílias dos estudantes. Para ela, o grande trunfo do trabalho é a autonomia adquirida pelos alunos. “Há momentos em que acho que já sou dispensável”, orgulha-se Andrea, que vem registrando em livros e fotografias todas as etapas do projeto. ■

<sup>1</sup> A Associação Brasileira de Propaganda (ABP), a Federação Nacional das Agências de Propaganda (Fenapro) e a Associação Brasileira de Agências de Publicidade (Abap) lançaram a campanha *Bom exemplo: essa moda pega*, que faz parte da segunda etapa do movimento O Melhor do Brasil é o Brasileiro. O *jingle* usado por Andrea em sala de aula é de um comercial na TV: “Um bom exemplo/ pode ser coisa pequena/ um bom dia, um obrigado/ por favor, não há de quê./ Um bom exemplo/ custa pouco e vale a pena/ não tem contra-indicação/ e só depende de você./ Exemplo é bom/ e ninguém nega/ dê um bom exemplo/ essa moda pega”.

<sup>2</sup> Escrito e ilustrado pelo francês Antoine de Saint-Exupéry, em 1943, *O pequeno príncipe* narra as fantasias de uma criança que questiona com prazer e ingenuidade as coisas da vida.

# Brincadeira também é coisa séria

Quem não se lembra de passar a tarde com os amigos na rua, jogando bola ou improvisando brincadeiras como garrafão, queimada, pique-pega e amarelinha? Em tempos de violência, TV, computador e *games*, a cena é cada vez menos comum. Mas, para a professora Ana Paula Fonseca Boechie, do Ciep Patrice Lumumba, os jogos infantis continuam sendo um dos melhores caminhos para o aprendizado das regras de convivência. Brincando e revisitando a história dos brinquedos e das formas de brincar, ela desperta em seus alunos a consciência para uma série de aspectos levados em conta nos

relacionamentos humanos. É este o fundamento do projeto Recriando o Jogo: Uma Visão de Sustentabilidade.

As atividades são desenvolvidas durante as aulas de educação física, que têm duração de 50 minutos e acontecem duas vezes por semana. Ao todo, Ana Paula trabalha com quatro turmas de educação infantil, uma do ciclo e uma oficina de dança, com alunos de terceira e quarta séries. Cada grupo tem cerca de 25 alunos. “Percebi que as crianças tinham pouco contato com regras de brinquedos. E não existem brinquedos sem regras. Comecei a fazer um trabalho em que elas pudessem apreciar as regras, criar novas regras e adaptá-las. Era uma forma de conseguir a participação de todos”, explica a professora.

Mas as regras do jogo e, conseqüentemente, da convivência em grupo, não são o único foco do projeto. Desenvolver a capacidade narrativa dos alunos e reforçar seus laços familiares também estão entre os objetivos de Ana Paula. Numa das atividades propostas, as crianças trazem de casa uma brincadeira da infância de seus pais ou responsáveis. Cada um deve aprender como funciona o jogo e ser capaz de explicá-lo aos colegas. “Resgatar o elo da criança com a história das brincadeiras dos pais é fundamental. Estou trazendo a emoção para a escola e, indiretamente, tentando estreitar relações”, ressalta a professora. Outro objetivo é dissociar as idéias de brinquedo e consumo. Nas aulas de Ana Paula, tudo “dá jogo”: de latas e garrafas vazias a baldes e bolas de meia.

**Criatividade** – Com a necessidade de inventar diferentes formas de brincar, o trabalho ganha novas cores. A sala de aula vira oficina de criação e os alunos, artistas. O material pode vir de casa ou de doações de lojas da vizinhança da escola. O importante é trabalhar com a reciclagem de lixo – brincando, é claro. “Ao longo da minha trajetória na rede, participei de cursos e projetos de educação ambiental, em que percebi que a cultura do descartável pode parecer prática, mas

ALBERTO JACOB FILHO





Jogos e brincadeiras tradicionais fazem parte da rotina das crianças do Ciep Patrice Lumumba

causa uma sujeira imensa. É preciso trabalhar com a perspectiva da transformação”, ressalta a professora.

A criatividade não termina quando o brinquedo está pronto. Integradas, as crianças vão além das orientações da professora e criam suas próprias brincadeiras, inventando e sugerindo novos formatos. As garrafas de plástico, por exemplo, podem virar instrumentos musicais, máscaras e até mesmo conchas acústicas. As regras dos jogos, por sua vez, também devem mudar sempre. Afinal, a intenção é que as crianças criem as próprias regras. “Temos as nossas regras, mas elas são sempre adaptadas”, destaca Ana Paula.

Enquanto brincam, os alunos desenvolvem ainda uma série de habilidades sem perceber. Jogar tampinhas para o alto, caminhar com garrafas cheias de água ou atirar bolinhas de meia em baldes vazios têm significados que vão além da simples diversão. Aspectos como equilíbrio, coordenação motora, organização do espaço e respeito ao colega são trabalhados o tempo inteiro. Para Ana Paula, a autonomia e a criatividade das crianças são os resultados mais evidentes do projeto. “É importante eles terem prazer em estar aqui. É lógico que meus objetivos têm tudo a ver com a minha disciplina, que é a

educação física, como as questões do equilíbrio e da coordenação motora, mas é necessário que isso seja desenvolvido de uma forma agradável para eles”, explica a professora.

**Integração** – Por seu amplo alcance, a proposta pedagógica de Ana Paula recebeu grande incentivo dos professores do Ciep Patrice Lumumba. A professora acredita que o entrosamento da equipe tem sido essencial para o sucesso do trabalho. “Temos nossas individualidades, mas dialogar com os colegas com os quais trabalho e saber das necessidades e dos avanços das turmas na visão deles é fundamental. São detalhes que criam um grande significado”, justifica.

O diálogo entre as atividades físicas e a sala de aula é, portanto, constante. Isso facilita a ampliação de tudo o que é apreendido nas brincadeiras. Além da amplitude do projeto, que engloba expressão artística, reciclagem, construção de narrativas, conscientização ambiental e desenvolvimento das relações interpessoais, sua interdisciplinaridade multiplica os resultados. Hoje, muitos dos alunos de Ana Paula já aprenderam a negociar um “castigo” para quem não obedece as regras, dentro e fora de sala de aula. Afinal, vale tudo para continuar na brincadeira. ■

# Testemunha ocular da história

Avenida Rio Branco completa 100 anos como centro dos acontecimentos do Rio de Janeiro

Poucos espaços no Rio de Janeiro simbolizam tão bem a história e a evolução da cidade como a Avenida Rio Branco. Em seus 100 anos de existência, completos no próximo dia 15, ela tem registrados os principais acontecimentos políticos e sociais da vida carioca. Inaugurada em 1905 com o nome de Avenida Central, constituiu um marco urbanístico e mudou radicalmente o cotidiano da cidade. Inspirada na Paris da Belle Époque, com suas largas avenidas, foi concebida e executada pelo prefeito Francisco Pereira Passos, que queria dar à então capital federal contornos de uma cidade “moderna”.

Na gestão Pereira Passos, diversas ruas foram abertas e outras, alargadas. O porto foi modernizado e a cidade ficou mais bela. As obras representavam o progresso almejado pela República, em oposição ao atraso, simbolizado pela herança monárquica. Seria a inserção do Brasil em um nível semelhante ao das nações vistas como civilizadas. Mas, apesar da intenção modernizadora, as mudanças se restringiram apenas a aspectos estéticos e arquitetônicos. Não foram solucionados problemas como a falta de saneamento da maioria dos bairros ou a precariedade dos sistemas de transporte, considerados caros à época. Para construir a nova via, foram demolidos 590 prédios antigos, o que deu à reforma do Centro

o apelido de “bota-abaixo”. Durante 20 meses, a prefeitura abriu um caminho que ligava a Praça Mauá à Avenida Beira-Mar, ligando dois extremos importantes do Centro da cidade.

**Nova roupagem** – Com a abertura da Avenida Central, o Rio de Janeiro ganhou novas formas arquitetônicas. Em poucos anos, foram construídos os prédios do Teatro Municipal, da Biblioteca Nacional, do Museu Nacional de Belas-Artes – então uma escola – e o Palácio Pedro Ernesto, onde hoje funciona a Câmara dos Vereadores. “O grande equívoco da modernização do Rio foi ter provocado a destruição do antigo. Hoje, resta pouco da arquitetura e da estética colonial, como a área da Praça XV e da Rua 1º de Março”, afirma Luiz Edmundo Tavares, professor de história do Brasil da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

A construção da avenida também serviu para afastar as classes menos favorecidas do entorno de seu traçado, sob o pretexto de combater epidemias de doenças como varíola, febre amarela e tuberculose, que proliferavam pela cidade. Para acabar com os focos epidêmicos, a prefeitura demoliu cortiços, casebres e até quarteirões inteiros, expulsando a população pobre do centro da cidade. Na verdade, o ataque aos cortiços já estava em curso desde os anos 1890, quando foi demolido o Cabeça-de-Porco, enorme complexo habitacional situado atrás da área da estação da Central do Brasil.

Junto com a remoção das precárias moradias, destaca-se o esforço de vacinação em massa

AUGUSTO MALTA/ ACERVO DO ARQUIVO DA CIDADE



ALBERTO JACOB FILHO



A tranqüila Rio Branco do início do século XX em contraste com o trânsito de nossos dias

<sup>1</sup>José Maria Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, venceu a negociação com a França sobre a demarcação da fronteira do Amapá com a Guiana Francesa, em 1900, e negociou com a Bolívia, em 1903, a incorporação do território do Acre pelo Brasil.

<sup>2</sup>Movimento armado iniciado em 3 de outubro de 1930, sob a liderança de Getúlio Vargas, com o objetivo de derrubar o governo de Washington Luís e impedir a posse de Júlio Prestes, eleito presidente da República.

empreendido pelo sanitarista Oswaldo Cruz (*leia, na página 26, sobre vacinação no Brasil*). As epidemias eram sinônimo de atraso e precisavam ser eliminadas. O combate às doenças incluía a invasão e a interdição de lares e a vacinação à força. Na ausência do “homem da casa”, os agentes de saúde invadiam as residências para vacinar esposas e filhas, o que era considerado ultraje pela tradição patriarcalista da época. Em 1904, a população se rebelou contra a lei que tornava a vacinação obrigatória. A Revolta da Vacina, como ficou conhecida, deixou um saldo de 30 mortos e cerca de 100 feridos.

**Ponto de encontro** – A avenida mudou os hábitos sociais dos cariocas e criou um centro cultural e financeiro que reunia intelectuais, artistas e boêmios, até então concentrados na Rua do Ouvidor. “Ela se transformou num grande palco onde as pessoas passeavam, os homens vestidos com seus casacos pretos de lã e as mulheres tentando imitar a moda francesa. Lá, instalaram-se lojas e vitrines que exerciam forte atração sobre todas as classes sociais. As mulheres mais pobres, por exemplo, saíam do trabalho e iam olhar as vitrines. Todos queriam fazer parte do ‘moderno’”, explica o professor Luiz Edmundo Tavares.

Em 1912, com a morte do barão do Rio Branco, a avenida mudou de nome para homenagear o grande diplomata<sup>1</sup>. Foi palco dos principais acontecimentos políticos da cidade, com destaque para o entorno da Igreja da Candelária. Foi e ainda é o principal ponto de manifestações na luta por direitos sociais e políticos e também o lugar escolhido por Getúlio Vargas para marcar a subida ao poder após a revolução de 1930<sup>2</sup>. Com o golpe militar de 1964, testemunhou inúmeros atos na luta por direitos políticos. O mais célebre foi a Passeata dos 100 Mil.

A Avenida também serviu de cenário para manifestações do movimento Diretas, Já!, em 1984, que reivindicava eleições diretas para presidente no apagar das luzes da ditadura militar. O objetivo não foi alcançado, mas o movimento marcou a transição do autoritarismo para a Nova República, inaugurada com a posse de José Sarney na presidência no ano seguinte<sup>4</sup>. Em 1992, jovens “caras-pintadas” percorreram a avenida clamando pelo *impeachment* de Fernando Collor de Melo, primeiro presidente eleito pelo voto direto em mais de 30 anos. Mais recentemente, em 2002, foi tomada pelo povo em comemoração à eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para a presidência da República.

Hoje, a importância da Avenida Rio Branco permanece inalterada. Trata-se de grande centro econômico e pólo cultural de uma cidade que abriga quase 6 milhões de habitantes, com trânsito pesado e ruas cheias de gente – uma paisagem bastante diferente daquela de 1905. Com a chegada de um novo século, a Rio Branco continua sendo palco do dia-a-dia do carioca, numa renovação própria da cidade do Rio de Janeiro, que tem na avenida sua principal referência histórica. ■

ALBERTO JACOB FILHO



AUGUSTO MALTA/ ACERVO DO ARQUIVO DA CIDADE



# Renovador do ensino no país

À frente do movimento da Escola Nova, Lourenço Filho ajudou a modernizar a educação brasileira

Lourenço Filho foi um homem de ação desde o início da carreira. Por isso destacou-se no campo educacional antes mesmo dos 30 anos. Foi um dos responsáveis pela modernização do ensino brasileiro na década de 1930 e um dos principais educadores da história brasileira, apesar de não ter obtido o mesmo reconhecimento de nomes como Anísio Teixeira e Paulo Freire. Com Teixeira e Fernando de Azevedo, lançou o movimento Escola Nova no Brasil, enfatizando o caráter transformador da educação, as funções do ensino universal público gratuito e a importância da experiência na formação do conhecimento. Defendeu também o ensino laico e o dever do Estado de garantir educação integrada a todos os cidadãos.

Manoel Bergström Lourenço Filho nasceu em 10 de março de 1897, em Porto Ferreira, interior de São Paulo, filho de comerciante português e de uma jovem sueca. Foi leitor voraz desde criança. Em 1917, formou-se pela Escola Normal Secundária na capital paulista. Estudou psiquiatria por dois anos na Faculdade de Medicina mas abandonou o curso, ao ingressar em 1919 na Faculdade de Direito de São Paulo. Formou-se somente 10 anos depois, pois já se havia envolvido com diversas atividades paralelas, especialmente na educação.

**Transformação social** – Com apenas 24 anos de idade, Lourenço Filho foi nomeado diretor da Instrução Pública do Ceará e realizou ampla reforma no ensino de seu estado, considerada um dos primeiros movimentos da Escola Nova no país. Para ele, a educação brasileira era elitista, intelectualista e mantinha as classes populares excluídas do sistema produtivo. “A escola tradicional não serve o povo, e não o serve porque está montada para uma concepção social já vencida, senão morta de todo (...) A cultura, bem ou mal, vinha servindo os indivíduos que se destinavam às carreiras liberais, mas nunca as profissões normais de produção econômica”, declarou ao jornal *Estado de S. Paulo*, em 1926.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (*no box*) ainda demoraria alguns anos para surgir. Com a assinatura de 26 educadores, entre eles o próprio Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, foi lançado em 1932. O movimento se tornou um marco na educação brasileira e o primeiro grande resultado político e doutrinário em favor da elaboração de um Plano Nacional de Educação. Iniciado por pensadores como John Dewey, Adolphe Ferrière e Edouard Claparède, o movimento Escola Nova defendia a autoformação e a atividade espontânea da criança. Sua teoria propõe que a educação seja instigadora de mudanças sociais e acompanhe as transformações que ocorrem na sociedade.

**Dedicação integral** – Depois de cinco anos à frente da diretoria da Instrução Pública do Ceará, Lourenço Filho fundou o Liceu Nacional Rio Branco, onde organizou e dirigiu uma escola experimental, e participou da fundação da Sociedade de Educação e do Instituto de Organização Racional do Trabalho. Em 1937, foi convidado pelo ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema para dirigir o Departamento Nacional de Educação (DNE). No ano seguinte,

DIVULGAÇÃO



ALBERTO JACOB FILHO



Nome de escola da Rede é uma homenagem ao educador brasileiro

organizou e foi diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep). A criação do instituto abriu caminho para a publicação da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, em 1944. Lourenço Filho ainda organizou e foi secretário da I Conferência Nacional de Educação e dirigiu pela segunda vez o DNE. Em 1947, organizou e dirigiu a Campanha de Educação de Adultos, primeiro movimento de educação popular de iniciativa do governo federal. No ano seguinte, presidiu a comissão designada pelo governo para elaborar o anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Enquanto atuava na construção da história da educação no Brasil, escreveu vários livros. Entre eles, *Tendências da educação brasileira, Organização e administração escolar e Introdução ao estudo da Escola Nova*, sobre o qual Fernando de Azevedo escreveu: “Não há obra que o substitua na literatura pedagógica. Ledo-o, se quiserdes ter uma visão, larga e profunda, da Escola Nova”. Sua vasta formação cultural permitiu-lhe também transitar por diferentes áreas do conhecimento. Era um educador em busca de novidades, sempre atento ao que havia de novo na pedagogia, nos cenários nacional e internacional.

**Escola para cidadãos** – Fiel às idéias da Escola Nova, a obra de Lourenço Filho retrata o ensino como a principal ferramenta de transformações sociais. Para ele, a elevação dos níveis de instrução da população brasileira era fator primordial para o desenvolvimento econômico do país. Daí a especial atenção dada ao combate ao analfabetismo. O educador acreditava também que a escola primária tinha a função de preparar os futuros cidadãos para as necessidades morais e materiais da vida real. A função da escola pública, gratuita e obrigatória seria a integração da criança na sociedade. “A educação é a socialização da criança”, afirmava.

Nos anos 30 Lourenço Filho já valorizava a complexidade das relações entre a escola e a sociedade e a tendência de integração cada vez maior, como resultado das inovações tecnológicas conquistadas pelo homem. “O que

a educação agora exige é que se compreenda essa mudança das condições da existência. Nem todos os valores se subverteram, mas a técnica de viver que se apresenta às novas gerações é diversa da nossa, em razão dos progressos da ciência, da economia industrial, dos novos poderes que o homem conquistou sobre a natureza, sobre a vida e a morte, sobre o pensamento”, afirmara. Lourenço Filho viveu seus últimos dias no Rio de Janeiro e faleceu em 3 de agosto de 1970, vítima de colapso cardíaco, aos 73 anos. Pela dedicação de uma vida inteira à escola pública brasileira, tem lugar certo no panteão dos grandes educadores do país. ■

#### SAIBA MAIS

*Introdução ao estudo da Escola Nova*. Rio de Janeiro, Uerj.

MONARCHA, Carlos, org. *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*. Campinas, Mercado das Letras, 1997.

MONARCHA, Carlos & LOURENÇO FILHO, Ruy. *Por Lourenço Filho: uma bibliografia*. Brasília, Inep, 2001.

## Proposta inovadora

Lançado em 1932, em meio ao processo de reordenação política decorrente da Revolução de 30, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova marcou o projeto de renovação educacional do país empreendido pelo governo Vargas. No documento, os seguidores da Escola Nova defendiam a função pública da educação, a obrigação do Estado de proporcionar ensino gratuito de qualidade às classes menos favorecidas, a proibição de separação de classes por gênero, a autonomia da função educacional e a necessidade de o processo educacional ser independente de influências religiosas e políticas, entre inúmeras outras reivindicações.

“Em nosso regime político, o Estado não poderá, decerto, impedir que, graças à organização de escolas privadas de tipos diferentes, as classes mais privilegiadas assegurem a seus filhos uma educação de classe determinada; mas está no dever indeclinável de não admitir, dentro do sistema escolar do Estado, quaisquer classes ou escolas a que só tenha acesso uma minoria, por um privilégio exclusivamente econômico”, afirmavam os signatários, enfatizando a importância de haver uma escola pública, obrigatória e gratuita. Os escolanovistas, como passaram a ser chamados, ressaltavam a desorganização do aparelho escolar e propunham que o Estado organizasse um plano geral de educação.

O movimento procurava se distanciar do que chamavam de educação tradicional: o ensino essencialmente religioso, que predominava na época, o qual taxavam de ultrapassado e elitista. O manifesto foi redigido por Fernando de Azevedo e assinado pelos educadores Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Paschoal Leme, a poetisa Cecília Meirelles, o jurista Hermes Lima, o antropólogo e pioneiro do rádio Roquette Pinto e o jornalista Júlio de Mesquita Filho. O manifesto e as idéias da Escola Nova influenciaram vários educadores e correntes de pensamento no Brasil e no mundo.



## Futebol ao sol e à sombra

Eduardo Galeano  
Editora L&PM, 2001

Acima do futebol está a lenda. Uma estranha magia se impõe ao esporte. O jogo se transforma em saga, desperta paixões, cria mitos, heróis, glórias e tragédias. Para captar esse fascinante universo de perdas e conquistas, Eduardo Galeano enveredou pelas

profundezas da história e das histórias que se passam dentro e fora das quatro linhas.

O tema futebol está presente em duas indicações da coluna.

A primeira, um livro do escritor uruguaio Eduardo Galeano, definido pelos editores brasileiros como um monumento à paixão pelo esporte. A segunda, a manipulação da conquista da Copa do Mundo de 1970 pelo regime militar como forma de abafar os gritos dos porões da tortura no filme *Pra frente Brasil*, de Roberto Farias (*mais informações sobre futebol no encarte Giramundo desta edição*). Duas obras sobre mídia e comunicação, um livro contemplado com o Prêmio Jabuti 2005 e mais outro sobre a história do escritor dinamarquês Hans Cristian Andersen completam a lista.

## Filmes e vídeos



### Pra Frente Brasil

Direção: Roberto Farias  
Brasil, 1983, 105 minutos

Pacato cidadão de classe média é confundido com um ativista político e é preso e torturado por agentes federais durante a euforia do milagre econômico

brasileiro e da Copa do Mundo de 70. O filme aborda a exploração publicitária em torno do futebol durante a ditadura militar. Foi premiado como melhor filme e melhor montagem no Festival de Gramado de 1982.

## Globalização da comunicação

Armand Mattelart  
Editora Vozes, 1997

O livro examina alguns fatores que ampliaram e generalizaram a diversificação da cultura, como a emergência de novas empresas, as iniciativas políticas destinadas à internacionalização das idéias e os valores e objetivos de nações ou grupos políticos. Traz uma crítica à idéia de aldeia global, mostrando como é influenciada por princípios do mercado em detrimento da cultura. Mostra com objetividade a abrangência do processo de mundialização em curso.

## Por uma outra comunicação

Dênis de Moraes  
Editora Record, 2003

*Por uma outra comunicação* reúne 18 ensaios que avaliam as perspectivas para uma outra comunicação possível, em que os sistemas globais de mídia não sufoquem identidades, laços comunitários e direitos coletivos. Uma comunicação que leve em conta a complexidade da era digital, mas que se baseie em políticas públicas capazes de evitar monopólios, descentralizar a produção simbólica e assegurar a diversidade. Uma comunicação que seja peça-chave na construção de um mundo em que predominem valores humanistas e aspirações igualitárias.

## Uma vida de contos de fadas – a história de Hans Christian Andersen

Marcos Bagno  
Editora Ática, 2005



Certa noite, um garoto sem sono resolve ler os *Contos de Andersen*. Ao pegar o livro da estante, ele percebe alguma coisa se mexendo entre as páginas. Para sua surpresa é um ser minúsculo que pula ali, usando uma túnica colorida e um grande chapéu. Ele se apresenta como Ole Lukoie e diz ter contado a Hans Christian

Andersen todas as histórias que ele escreveu. Ole veio convidar o garoto a conhecer de perto a vida do escritor dinamarquês. Afinal era dia 2 de abril, aniversário de Andersen. Começa assim uma viagem inesquecível.

## Pé de sapo e sapato de pato

Bartolomeu Campos de Queiroz  
Editora do Brasil, 2005

*Pé de sapo e sapato de pato* é um passeio pelo universo das palavras, seus tons e seus sons. Terceiro lugar no Prêmio Jabuti 2005, categoria Infantil.

## Origens da América

A história da América pré-colombiana é o tema da exposição *Por ti América*, aberta ao público de terça a domingo, das 10h às 22h, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). São 350 peças, trazidas de 11 museus e instituições culturais do Brasil, Colômbia, Chile, Peru, Argentina, México e Guatemala. A entrada é gratuita.

**Centro Cultural Banco do Brasil**  
Rua Primeiro de Março, 66, Centro  
Telefone: 3808-2020

## Raízes musicais

Mostra sobre a história da música brasileira, que esteve exposta na Cité de la Musique, em Paris, ocupa seis salas do Centro Cultural Arte Sesc. O visitante é convidado a atravessar o universo musical através de sons e imagens. A exposição reúne acervos da Biblioteca Nacional, do Museu da Imagem e do Som e da Associação Jackson do Pandeiro, entre outras instituições. Em exposição, filmes, documentários, fotos, registros sonoros, capas de discos, caricaturas e reportagens. Até 13 de novembro.

**Centro Cultural Arte Sesc** – Rua Marquês de Abrantes 99, Flamengo  
Telefone: 3138-1343. De terça a sábado, do meio-dia às 20h. Domingo, das 11h às 17h.

## Drummond para crianças

Fragments de poesias e contos do poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade dão o tom do espetáculo infanto-juvenil *Estação Drummond*, dirigido por Marcos Edom e encenado pela Companhia de Teatro Medieval. O cenário é uma antiga estação de trem de Itabira, no interior de Minas, onde crianças e jovens entram em contato com o universo do poeta. A peça fica em cartaz até o dia 18 de dezembro, com espetáculos aos sábados e domingos, às 17h.

## Centro Cultural Telemar

Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo  
Telefone: 3131-3060

## Programação infantil

O Instituto Moreira Salles oferece às crianças atividades artísticas, com contadores de histórias e espetáculos teatrais. Todos os sábados, às 17h, durante o mês de outubro. Os ingressos são gratuitos, com distribuição de senha uma hora antes do início das atividades.

**Centro Cultural do Instituto Moreira Salles** – Rua Marquês de São Vicente, 476, Gávea  
Telefone: 3284-7400

## Internet livre

A rede de bibliotecas populares da Prefeitura do Rio de Janeiro está oferecendo acesso livre à internet a seus usuários. O serviço está disponível nas unidades de Irajá, Paquetá, Rio Comprido, Santa Teresa e Copacabana, das 9h às 17h.

## Bibliotecas populares

- Copacabana  
Av. Nossa Senhora de Copacabana 817, 10º
- Ilha do Governador  
Rua Donaides s/nº  
Cocotá
- Paquetá  
Rua Príncipe Regente 55
- Irajá  
Rua Monsenhor Félix 512
- Rio Comprido  
Travessa Nestor Vitor 64  
Tijuca

## Festival de artes

A Cidade das Crianças recebe nos dias 26 e 27 de novembro o *Reperiferia – Festival de Artes Cênicas*, cujas atrações são o resultado do trabalho desenvolvido por projetos sociais de toda a cidade. Diferentes espetáculos envolvendo linguagens artísticas, como dança, teatro e circo, serão mostrados ao público, que ainda poderá participar de um programa de palestras nesses dois dias. A entrada é franca e o local funciona das 9h às 17h.

## Cidade das Crianças

Rodovia Rio Santos, km 1

## Vida indígena

O Museu do Índio exhibe um rico acervo – peças etnográficas, fotos, publicações, documentos históricos, filmes, vídeos e gravações – sobre grande parte das sociedades indígenas contemporâneas. O espaço pode ser visitado de terça a sexta, das 9h às 17h30, e aos sábados, domingos e feriados, das 13h às 17h. O ingresso custa R\$3,00.

## Museu do Índio

Rua das Palmeiras, 55, Botafogo  
Telefone: 2286-8899

## Desenhos de Dom Quixote

A Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro inaugura a exposição *34 quixotes de Mário Mendonça* – desenhos, como parte das comemorações pelos 400 anos do livro *Dom Quixote de la Mancha*, obra-prima de Miguel de Cervantes. A exposição pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 11h às 18h. A entrada é gratuita.

**Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro**  
Avenida Presidente Vargas, 1.261, Centro – Telefone: 2224-6184

REPRODUÇÃO



canal	horário	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
<b>BandRio</b>	7h-7h30	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: meio ambiente, dança, turismo e mídia na escola	<b>Interprogramas MULTIRIO * Aventuras Cariocas</b>	<b>Nós da Escola</b> Temas: ciclo, arquitetura, Anísio Teixeira, entre outros	<b>Encontros com a Mídia</b> 9h-9h30 Temas: crianças especiais, animação, entre outros	<b>Nós da Escola</b> Temas: ciclo, arquitetura, Anísio Teixeira, entre outros	<b>Interprogramas MULTIRIO * Aventuras Cariocas</b>
	7h30-8h	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Reflets - Curso de Francês</b> <b>Cara de Criança</b>	<b>Br@nché</b> Língua francesa <b>Cara de Criança</b>	<b>Reflets - Curso de Francês</b> <b>Cara de Criança</b>	<b>Reflets - Curso de Francês</b> <b>Cara de Criança</b> 9h30-10h Temas: meio ambiente, dança, turismo e mídia na escola	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: meio ambiente, dança, turismo e mídia na escola	<b>Encontros com a Mídia</b> Temas: crianças especiais, animação, entre outros.
	14h-14h30	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: meio ambiente, dança, turismo e mídia na escola	<b>Interprogramas MULTIRIO * Aventuras Cariocas</b>	<b>Nós da Escola</b> Temas: crianças especiais, Anísio Teixeira, entre outros	<b>Encontros com a Mídia</b> Temas: crianças especiais, animação, entre outros	<b>Séries e Documentários</b>		<b>PREFEITURA MULTIRIO 10 ANOS</b>
	14h30-15h	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas, ao vivo	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas				
	7h30-8h	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Séries e Documentários</b> Natureza e tecnologia, Índia, Olho Vivo, entre outros				
	8h-8h30	<b>Séries e Documentários</b> Mesa Brasileira,	<b>Cara de Criança</b> Programas infantis: O mundo encantado de Richard Scary, Matilda,	<b>Séries e Documentários</b> Mesa Brasileira,	<b>Séries e Documentários</b> Mesa Brasileira,	<b>Séries e Documentários</b> Mesa Brasileira,	<b>Cara de Criança</b> Programas infantis: O mundo encantado de Richard Scary, Matilda,	<b>Encontros com a Mídia</b> Temas: crianças especiais, animação, entre outros
	8h30-9h	Formas do Invisível, Apartheid, Contos de Oscar Wilde, É tempo de Diversão, Minha Família e outros	Formas do Invisível, Apartheid, Contos de Oscar Wilde, É tempo de Diversão, Minha Família e outros	Formas do Invisível, Apartheid, Contos de Oscar Wilde, É tempo de Diversão, Minha Família e outros	Formas do Invisível, Apartheid, Contos de Oscar Wilde, É tempo de Diversão, Minha Família e outros	Formas do Invisível, Apartheid, Contos de Oscar Wilde, É tempo de Diversão, Minha Família e outros	<b>Encontros com a Mídia</b> Temas: crianças especiais, animação, entre outros	<b>Interprogramas MULTIRIO * Aventuras Cariocas</b>
	9h-9h30	Contos de Oscar Wilde, É tempo de Diversão, Minha Família e outros	O divertido mundo dos bichos, entre outros.	Contos de Oscar Wilde, É tempo de Diversão, Minha Família e outros	Contos de Oscar Wilde, É tempo de Diversão, Minha Família e outros	Contos de Oscar Wilde, É tempo de Diversão, Minha Família e outros	<b>Séries e Documentários</b> Mesa Brasileira,	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: meio ambiente, dança, turismo e mídia na escola
	9h30-10h	Formas do Invisível, Apartheid, Contos de Oscar Wilde, É tempo de Diversão, Minha Família e outros	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: futebol, paleontologia, entre outros	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: futebol, paleontologia, entre outros	<b>Natureza e Tecnologia</b>	<b>Natureza e Tecnologia</b>	Formas do Invisível, Apartheid, Contos de Oscar Wilde, É tempo de Diversão, Minha Família e outros	<b>Nós da Escola</b> Temas: ciclo, arquitetura, Anísio Teixeira, entre outros
	10h-10h30	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>Interprogramas MULTIRIO * Aventuras Cariocas</b>	<b>Interprogramas MULTIRIO * Aventuras Cariocas</b>	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>Cantos do Rio</b> MPB
10h30-11h	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	
11h-11h30	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	
<b>Net Educação</b>	12h-12h30	<b>Reflets - Curso de Francês</b>	<b>Br@nché</b> Língua francesa	<b>Br@nché</b> Língua francesa	<b>A MULTIRIO também está na TV Alerj (canal 12)</b>			
	12h30-13h	<b>Gerúndio e Cacófato</b> <b>Séries e Documentários</b>	<b>Gerúndio e Cacófato</b> <b>Séries e Documentários</b>	<b>A MULTIRIO também está na TV Alerj (canal 12)</b>				
	13h-13h30	<b>Encontros com a Mídia</b> Temas: crianças especiais, animação, entre outros	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>Séries e Documentários</b>	<b>Séries e Documentários</b>	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: meio ambiente, dança, turismo e mídia na escola	<b>Nós da Escola</b> Temas: ciclo, arquitetura, Anísio Teixeira, entre outros	<b>De segunda a sexta, das 8h às 10h e das 21h às 22h.</b>
	13h30-14h	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Aos sábados e domingos, a partir das 20h.</b>				

\* Interprogramas MULTIRIO - Atletas do Rio (Jovens e esportes), Gerúndio e Cacófato (Dicas de português), Memórias Cariocas (Histórias do Rio).  
Programação sujeita a alterações. Para mais informações consulte <[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)>.

# FAÇA A SUA PARTE

ANTES QUE A DENGUE DERRUBE VOCÊ NESTE VERÃO.



O verão está chegando. E, com ele, o mosquito que deixou muita gente de cama enquanto o sol brilhava lá fora. A Prefeitura do Rio continua a combater o *Aedes Aegypti* com ações preventivas e eliminação de focos, sempre valorizando o envolvimento de todos.

Por isso, vamos fazer a nossa parte: colocar areia até a borda dos pratinhos de vasos de plantas e xaxins; tratar a água de piscinas com cloro; jogar fora ou guardar de boca para baixo as garrafas, baldes e vasos vazios; tampar caixas d'água, cisternas e poços; lavar com bucha e sabão em água corrente, pelo menos uma vez por semana, vasilhames para água de animais domésticos; colocar em saco plástico tampinhas de garrafas, cascas de ovo, latinhas e copos descartáveis, fechando bem para a Comlurb recolher.

E mais: não acumule pneus, entulho e lixo. Mantenha o quintal sempre limpo. Se precisar, guarde os pneus em local coberto. Nunca deixe água acumulada.

Fique atento: a maior incidência de focos ocorre dentro das residências e nos locais de trabalho. Por isso, olhe no mosquito antes que ele acabe com o seu verão.

**DIA 19 DE NOVEMBRO.**

**DIA NACIONAL DE MOBILIZAÇÃO CONTRA A DENGUE. PARTICIPE!**



## NÓS DA ESCOLA

No próximo número: classificação indicativa